

HT-41

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS**

**Crenças Mágico-Religiosas Ligadas à Pesca de Pequena Escala na Região de Inhassoro: Um estudo de Caso**

**"Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane"**

639.2 (679)  
L864c 06

G. LETRAS U. E. M.	
R. E.	24301
DATA	21 Outubro 1995
AQUISIÇÃO	no data
COTA	HT-41

Por:  
Simeão Lopes

Maputo, 1994

## D e c l a r a ç ã o

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

Á minha saudosa mãe que, com  
coragem e sacrifício tudo fez  
para tornar possível este  
momento, mas que não pôde  
assisti-lo.

Ao meu pai que sempre teve  
uma palavra amiga e de conforto  
nos momentos mais difíceis  
da minha carreira estudantil.

Á minha esposa e ao meu filho,  
pelas longas horas que passaram  
esperando, durante a elaboração  
deste trabalho.

Aos meus irmãos e amigos que  
sempre torceram por este  
documento.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos a todo o pessoal do Instituto de Desenvolvimento de Pesca de Pequena Escala (IDPPE), especialmente ao seu Director Manuel Luís Gonçalves, pelo apoio moral, material e financeiro concedido durante o curso na Universidade Eduardo Mondlane e, pelo seu sábio conselho que, tornou possível a realização do presente estudo.

Ao pessoal do Arquivo do Património Cultural (ARPAC), especialmente ao seu Director Dr. Renato Matusse, vai o meu profundo reconhecimento pelos préstimos concedidos para a realização deste trabalho.

Aos meus supervisores do trabalho, Dra. Vibe Johnsen que, coordenou a elaboração do projecto de tese, Drs. Rafael da Conceição e Aslac Christiansens que, supervisionaram o levantamento e a respectiva análise de dados e a elaboração do texto final, vai o meu especial apreço. Os meus agradecimentos estendem-se também a todo o elenco de docentes do departamento de História da UEM que ao longo dos cinco anos que durou o curso prestaram o seu contributo directo para a minha formação.

Dedico também nesta página, especial menção de admiração e profundo agradecimento ao meu colega do Instituto de Desenvolvimento de Pesca de Pequena Escala (IDPPE), Ernesto Poiosse Hele, pelo apoio concedido durante a pesquisa de campo efectuada em Inhassoro. Neste parágrafo dedico ainda um aceno de simpatia ao sr. Venâncio Janela, um carpinteiro e pescador artesanal de Inhassoro, pela sua prestação na localização de determinados tipos de informantes e para a resolução de alguns problemas pontuais que, foram surgindo ao longo do trabalho.

Por último, dizer que estes meus agradecimentos estendem-se ainda a todos aqueles que directa ou indirectamente contribuíram de diferentes formas, para tornar possível a realização deste trabalho. Nesta linha, uma especial menção para todos os pescadores de Inhassoro, especialmente os entrevistados, pela atenção dispensada.

## ABREVIATURAS

De modo a permitir uma melhor compreensão da análise a seguir e apresentada e porque muitas vezes irão ser usadas determinadas abreviaturas indicadas abaixo os respectivos significados.

- AM - Administração Marítima
- ARPAC - Arquivo do Património Cultural
- BPD - Banco Popular de Desenvolvimento
- CP's - Combinados Pesqueiros, empresas estatais de apoio à pesca de pequena escala criadas na década 80
- CC - Comité Central
- CNC - Conferência Nacional sobre Cultura
- GD's - Grupos Dinamizadores
- DPIE - Direcção Provincial de Indústria e Energia
- FFP - Fundo de Fomento Pesqueiro
- IDPPE - Instituto de Desenvolvimento da Pesca de Pequena Escala
- IIP - Instituto de Investigação Pesqueira
- NELIMO - Núcleo de Estudos das Línguas Moçambicanas
- PA - Pesca artesanal, efectuada muito próximo da costa, utilizando-se embarcações com ou sem motor, cujo comprimento não exceda 10 metros de comprimento; não usam nenhum meio de conservação a bordo e as campanhas de pesca são no máximo de 24 horas.
- PPE - Pesca de Pequena Escala que, agrega a pesca de subsistência, Pesca Artesanal e a Pesca semi-industrial
- PRE - Programa de Reabilitação Económica
- U.E.M. - Universidade Eduardo Mondlane
- SEP - Secretaria de Estado das Pescas
- UDPPE - Unidade de Direcção de Pesca da Pequena Escala

## C O N T E Ú D O

AGRADECIMENTOS .....	i
ABREVIATURAS .....	ii
SUMÁRIO .....	iii
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO .....	1
1.1. Antecedentes .....	1
1.2. Justificação .....	2
1.3. Objectivos .....	5
1.4. Hipóteses de trabalho .....	6
CAPÍTULO II: METODOLOGIA .....	11
2.1. Métodos de recolha de informação .....	11
2.1.1. 1ª fase .....	11
2.1.2. 2ª fase .....	11
2.2. Metodologia da pesquisa .....	12
2.3. Área e cobertura da pesquisa no terreno .....	13
CAPÍTULO III: APRECIÇÃO GENÉRICA DE ALGUNS CONCEITOS..	15
3.1. Conceito de comunidade de pescadores .....	15
3.2. Conceito de cultura .....	17
3.3. Conceito de desenvolvimento .....	20
3.4. Conceito de tradição / modernidade .....	23
3.5. Conceito de mito .....	25

CAPÍTULO IV: A REGIÃO DE INHASSORO .....	28
4.1. Caracterização geral do Distrito .....	28
4.2. Perfil geral do grupo alvo .....	30
4.3. Breves traços sobre a evolução histórica da pesca na região .....	32
 CAPÍTULO V: ANÁLISE DA PROBLEMÁTICA .....	 42
5.1. Breve introdução .....	42
5.2. Principais crenças e práticas mágico-religiosas.	45
5.2.1. A mulher e a pesca artesanal.....	45
5.2.2. A morte e a pesca artesanal .....	47
5.2.3. Outras mitos e crenças ligads à pesca artesanal .....	49
5.3. Tipo e motivos de alguns cultos ligados à PPE ..	53
5.4. Tipos de raízes usados nos cultos mágico-religiosos .....	59
5.5. Os pescadores semi-industriais e as práticas tradicionais .....	60
5.6. As práticas tradicionais e a ideologia do Estado moçambicano .....	63
5.7. A estrutura social da comunidade de pescadores de Inhassoro .....	66
6. Limitação da informação .....	71
7. Consideração finais .....	72
 Anexos	
 Referências bibliográficas	

## RESUMO

O Presente documento constitui uma tentativa de análise e discussão dos principais aspectos culturais, com incidência para as crenças mágico-religiosas ligadas à actividade pesqueira na região de Inhassoro. Esta comunidade de pescadores acredita que sem a observância destas práticas, é praticamente impossível ser bem sucedido.

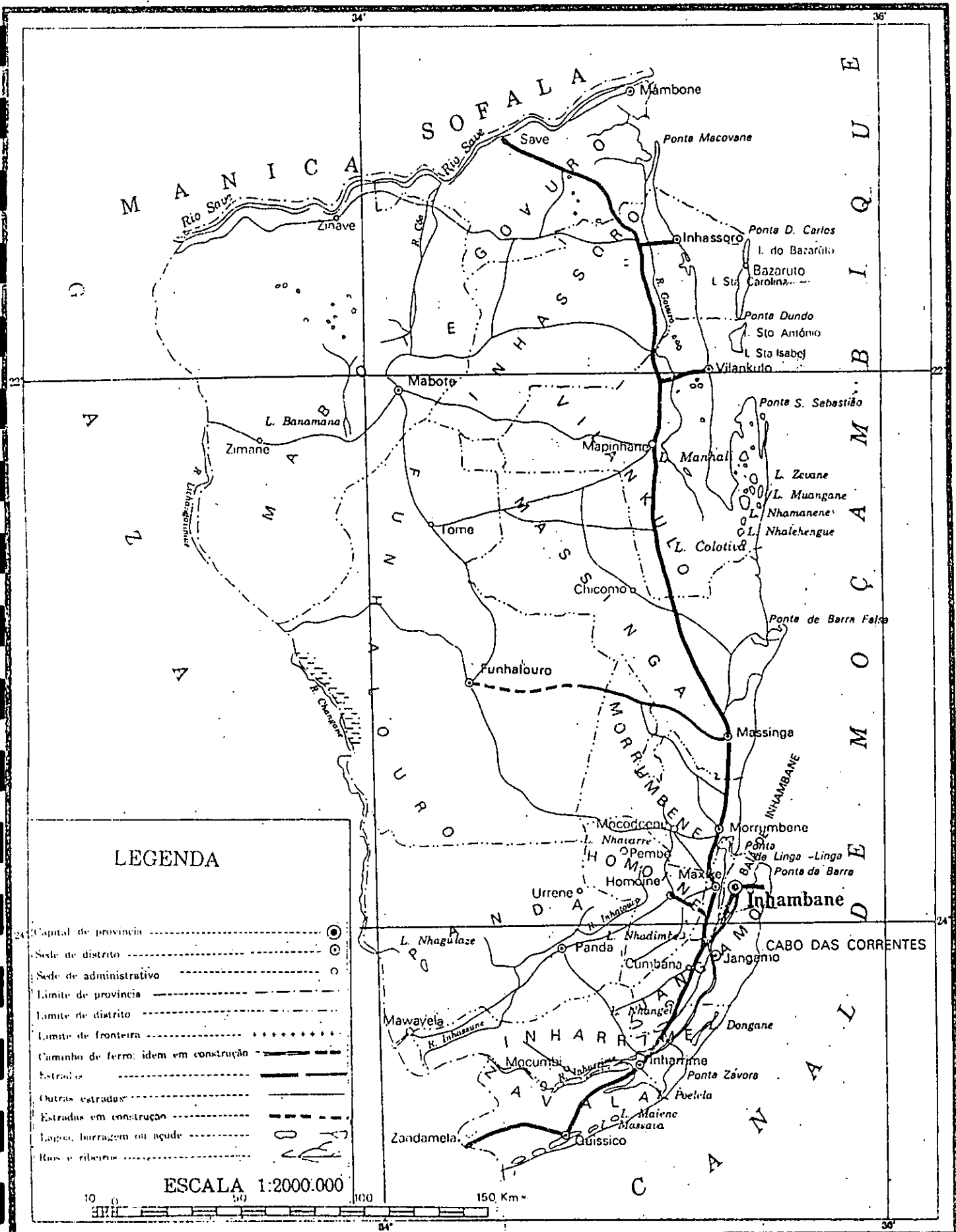
A informação aqui apresentada, é resultante de uma pesquisa no terreno realizada durante os meses de Maio e Julho de 1994 na região de Inhassoro, Província de Inhambane, através de entrevistas abertas aos pescadores de diferentes categorias (artesaniais e semi-industriais) e outros informantes conhecedores da situação e das práticas tradicionais ligadas à pesca naquela região, como é caso dos antigos régulos, descendentes dos primeiros pescadores chegados às diferentes áreas de pesca, e aos quais se deve realizar rituais, entidades administrativas locais, etc.

Portanto, este documento apresenta os principais aspectos culturais / tradicionais, tais como ritos, hábitos e crenças dos pescadores de Inhassoro e mostra qual é o seu papel no desenvolvimento daquelas comunidades de pescadores.

Neste documento, através de uma análise das diferentes categorias sociais contactadas, tenta-se ainda apresentar a estrutura de organização social daquela comunidade de pescadores, suas aspirações, dificuldades, o tipo de desenvolvimento que interessa verdadeiramente àquela comunidade e avança recomendações para que as políticas e acções estatais de desenvolvimento para aquela região estejam em harmonia com os objectivos de preservar e valorizar as tradições, heranças e identidade cultural da respectiva comunidade.



# Província de Inhambane



## CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

### 1.1. Antecedentes

A pesca de pequena escala em Moçambique tem traços históricos bem prolongados no tempo e característicos. Ela é de facto, o culminar de longas e antigas tradições que se notam mais, particularmente na sua principal componente, a pesca artesanal, que está profundamente inserida nas culturas e práticas sociais das populações costeiras e de certas áreas geograficamente delimitadas do interior.

No período colonial, a pesca de pequena escala (PPE) é caracterizada pela ausência de uma política de desenvolvimento do sector, mantendo-se basicamente como actividade de subsistência, com pouca diferenciação social em relação a outras actividades primárias (agricultura e artesanato) e um modesto excedente, o que faz com que não atinja sequer um estágio de pequena produção mercantil.

Aliás a história do sector pesqueiro de Moçambique pode ser dividida em duas fases:

1º período, anterior à independência em que predominava a pesca de subsistência e a pesca industrial era proibida e o pescado para o consumo no país era importado de Angola e Portugal, por força da política económica do governo colonial; e

2º período, posterior à independência, em que se introduzem medidas tendentes a desenvolver as actividades deste sector, com a formação de uma administração dentro dos Ministérios da Industria e Energia e Comércio<sup>1</sup>.

Após a independência nacional em 1975, a política do governo da FRELIMO, numa primeira fase consubstanciada no socialismo científico, vai priorizar a formação de cooperativas<sup>2</sup> de pescadores como o meio mais eficaz de desenvolvimento desta actividade.

---

1. Cf. KRANZ, at.all., 1989:12.

2 Não pretendemos com isso dizer que o sistema de cooperativas seja uma criação do socialismo científico, pois mesmo o capitalismo preconiza este sistema; a questão de fundo são os modelos de cooperativismo.

Entre 1975 e 1980 assiste-se a uma queda de produção no sector da pesca em geral, e especificamente na pesca artesanal que, com o abandono dos colonos, perdeu a capacidade de importação dos materiais de pesca, de exportação de camarão, de reposição de equipamentos e capitais, etc.

Na perspectiva de modificar esta situação, é criada a Unidade de Direcção de Pesca de Pequena Escala (UDPPE) que, tutelada pela Secretaria de Estado das Pescas (SEP), criada em 1980, através dos seus centros de apoio entretanto criados, os Combinados Pesqueiros (CP's), vai ser encarregue de executar a política e a estratégia do sub-sector de PPE, promovendo acções de organização, promoção de crescimento económico e desenvolvimento.

A partir dos meados da década 80, o sistema de pesca de pequena escala que já abrangia cerca de 100.000 pescadores em todo o país e cerca de 6.850 na província de Inhambane, começa a ressentir-se fortemente da conjuntura social, política e económica do país, sendo agravado com uma aparente ausência de definição de prioridades claras para o seu desenvolvimento, num contexto de economia de mercado que já se vislumbrava.

A introdução do Programa de Reabilitação Económica (PRE) em 1987, provocou alterações radicais em todo o tecido sócio-económico do país, particularmente o sector económico rural.

A incompatibilidade da política do sector em relação ao novo quadro económico emergente e de certa maneira agravada pelo recrudescimento da guerra, vai obrigar à transformação da então UDPPE em IDPPE, adequando-o ao novo contexto. Dentre muitas outras funções, o IDPPE vai ter sob sua responsabilidade projectos e acções de planificação e desenvolvimento, recenseamentos e estudos sócios-económicos, visando imprimir uma maior dinâmica em benefício das comunidades de pescadores, entretanto ameaçadas pela situação da economia de mercado vigente.

## 1.2. Justificação

O presente estudo surge não somente como uma resposta a já propalada escassez de informação de cariz sócio-cultural, sobretudo

antropológico, ligada à pesca de pequena escala, mas também pretende dar o seu contributo para a revitalização da ideia da realização de estudos de cariz sócio-antropológico por forma a conhecer-se a realidade cultural deste vasto território que é Moçambique, particularmente da comunidade de pescadores em análise.

Pretende-se também, com o presente estudo, contribuir, em termos de métodos, para a segurança e sucesso dos vários programas e projectos de desenvolvimento social, particularmente no sub-sector de pesca artesanal que, neste momento de transformações sócio-políticas que o país atravessa, serão com certeza introduzidos com o objectivo último de relançar a economia, neste momento débil, e tentar recuperar o tecido social flagelado pela guerra e seca durante a última década.

Concordamos com Falcão quando, citando Panayotu, refere que "um estudo das condições sócio-económicas é um pré-requisito para o desígnio e implementação de uma assistência efectiva dos programas"<sup>3</sup>. Pensamos de facto que, a realização de um levantamento consistente de dados sócio-antropológicos (hábitos e costumes locais, mitos e crenças das populações, perspectivas e aspirações, formas de organização tradicionais das populações, etc), constitui um alicerce fundamental, em conexão com os dados sócio-económicos, para a eficiência dos programas de desenvolvimento pesqueiro no país.

O grupo alvo que se pretende analisar neste documento, imerso em suas práticas tradicionais de exploração da sua área económica ou "nicho ecológico", o mar, está amarrado às suas variáveis culturais bem específicas (família, religião, crenças e atitudes quase seculares) e que ignoradas e ou desconhecidas poderão ditar o fracasso de qualquer projecto social.

Se o governo colonial priorizou a recolha de informação sócio-cultural das diferentes regiões do país, para usá-las a seu favor na sua dominação, através do incentivo de uma consciência tribal e étnica, a FRELIMO depois da independência do país em 1975, violentou as práticas

---

3. FALCÃO, 1993:1.

"tradicionais" locais alegando que elas poderiam ser aproveitadas pelo imperialismo para a desestabilização do país<sup>4</sup>.

Contudo, contrariamente ao que se pretendia, inculcar um espírito de patriotismo no povo, esta política originou um descontentamento que criou a base social para a destabilização sócio-económica que se assistiu nos últimos 16 anos.

A nível do sub-sector de pesca artesanal, podemos afirmar que desde 1990, com a criação do Instituto de Desenvolvimento da Pesca de Pequena Escala (IDPPE), se está a tentar colmatar esta lacuna através de pequenos estudos e outros de uma certa profundidade conduzidos essencialmente para e no seio de comunidades de pescadores artesanais.

Entretanto, na sua maioria estes estudos têm pecado pela superficialidade no tratamento de aspectos de índole cultural, em benefício de aspectos económicos e tecnológicos (ressalvando-se que este último pode ser cultural), agravando-se o facto, pelo tratamento isolado em relação às sociedades em que se encontram vinculadas essas comunidades.

Nesta base, estamos convencidos que, o desenvolvimento do país, principalmente nesta fase de transição, passa necessariamente pelo reconhecimento das especificidades culturais de cada grupo social, região ou comunidade, de modo a que sejam aproveitadas para o bem da própria sociedade onde se pretender instalar um determinado projecto.

Consideramos que o levantamento das especificidades culturais do país, e portanto o seu reconhecimento no acto da elaboração dos planos e programas de desenvolvimento sócio-económico do país, constitui, sem dúvida, o meio mais seguro para o processo de (re)construção e desenvolvimento do Estado e da sociedade moçambicana.

Aliás este aspecto, da necessidade de conceder uma maior atenção e primazia à questão cultural dos diferentes grupos sociais como um segredo durante muito tempo ignorado pelo governo na promoção do desenvolvimento económico do país, foi largamente defendido durante a Iª

---

4. Cf. MACHEL, S., 1979:6 a 9.

Conferência Nacional sobre Cultura, realizada em Maputo, em Julho de 1993.

### 1.3. Objectivos

#### 1.3.1. Gerais

O presente estudo, procura na sua essência, analisar os factores sócio-culturais ligados à actividade da pesca naquela região do país. É nossa intenção que ele constitua uma contribuição para o conhecimento e apreciação dos modelos e funções das estruturas das comunidades de pescadores do país pelas instituições do Estado ligadas à administração e planificação da actividade pesqueira no país.

Espera-se assim que, o Estado defina uma política de desenvolvimento sócio-económico mais condicente com a realidade do país em geral e mais adequada à realidade cultural das comunidades pesqueiras deste vasto território.

Portanto em última instância, este estudo pretende constituir-se "num instrumento de descoberta e estudo de diversas instituições culturais e políticas que asseguram o governo dos homens, assim como sistemas de pensamentos e de símbolos que os fundamentam"<sup>5</sup>. Defendemos que o governo deverá tê-los sempre presente durante a elaboração das legislações sócio-económicas.

#### 1.3.1. Objectivos específicos

\* Identificar as principais componentes da cultura da comunidade de pescadores de Inhassoro;

\* Analisar a posição e o papel<sup>6</sup> social dessas componentes culturais no processo do desenvolvimento da actividade pesqueira naquela comunidade;

\* Estudar relação existente entre a cultura daquela comunidade

---

5. BALANDIER, 1987:16.

6 "Por posição social entende-se qualquer lugar num campo de relações sociais. A cada posição corresponde um papel social" (BARATA, 1990a:11).

pesqueira, a sua tecnologia e o respectivo meio ambiente;

- \* Identificar, na óptica do grupo alvo em análise, o tipo (métodos e estratégias) de desenvolvimento que seria mais sustentável;

- \* Sugerir os mecanismos para a homogenização dos objectivos de preservação e valorização das tradições, heranças e identidade cultural da comunidade em análise, com o imperativo e necessidade do seu constante ajustamento à realidade actual<sup>7</sup>;

- \* Conhecer as características da estrutura social do grupo alvo;

- \* Identificar as principais causas dos conflitos entre as instituições responsáveis pela pesca e as instituições tradicionais no controle da actividade da pesca naquela comunidade;

- \* Por fim, em jeito de conclusão propor um mecanismo que vise divulgar, à escala nacional, a riqueza e a especificidade cultural desta comunidade de pescadores e contribuir para que as suas experiências e vivências positivas se tornem património das restantes comunidades costeiras de pescadores.

#### 1.4. Hipóteses de trabalho

Tendo em conta que este trabalho constitui uma tentativa de análise dos principais aspectos sócio-culturais que, por fazerem parte das normas sociais da comunidade de Inhassoro que "foram marginalizadas" no pós-independência, contribuem, na óptica do grupo alvo, para o constringimento que se verifica na pesca de pequena escala no geral, e particularmente no sub-sector da pesca artesanal daquela região, apresentamos a seguir as hipóteses que na nossa opinião são sugeridas pela problemática principal.

1ª Existem determinados hábitos e crenças seculares, sob forma de ritos e mitos, ligados à actividade de pesca na região de Inhassoro. A maioria dos pescadores acredita que eles condicionam a actividade pesqueira.

---

7. Cf. MANHIÇA & SANTANA AFONSO, 1993:3.

É nossa opinião que em Moçambique ainda existem comunidades de pescadores que, apesar de fazerem parte de um Estado aparentemente do tipo moderno, conservam traços da organização das sociedades antigas e que ao lado de uma economia de mercado mantêm formas não mercantis de competição e de troca.

Pensamos também que o não conhecimento da realidade sócio-cultural das comunidades moçambicanas de pescadores, dificulta a inserção dos mesmos em diferentes projectos de desenvolvimento sócio-económico, pois o que se tem verificado é uma certa resistência destes grupos em relação aos referidos projectos.

O período anterior à independência nacional, como já referimos, é caracterizado pela influência do governo colonial na cultura local em proveito próprio. De facto, o Estado aproveitou-se das especificidades culturais do país para consolidar a sua dominação em relação ao povo Moçambicano através de um incremento de uma consciência tribal e manietação das pessoas à "tradição", evitando assim a tomada de consciência patriótica que, seria perigosa para os seus objectivos.

A balcanização do país, que se assistiu ao longo dos anos de dominação colonial, através da implantação do sistema de prazos, das Companhias Magestáticas, da proibição da livre circulação interna e a promoção do Lusino para todos, demonstra o esforço do governo colonial no sentido de manietar culturalmente o povo moçambicano.

2ª Logo depois da independência do país em 1975, o governo moçambicano aparentemente marginalizou as especificidades culturais de cada região e grupo social, na elaboração dos seus programas de desenvolvimento económico do país com base nos fundamentos do socialismo científico.

Após a Independência Nacional em 1975, o governo da FRELIMO no âmbito do seu projecto de formação da "nação moçambicana", fez um grande esforço no sentido de alterar esta situação, só que o método usado não foi feliz, pois em vez de se proceder a um maior levantamento das especificidades culturais de cada grupo social e / ou de cada região,



para aproveitá-las em favor do sucesso dos programas de desenvolvimento sócio-económico do país, violentou-as.

Consequentemente, em termos gerais, os desígnios estabelecidos para a formação de um "Novo Estado" Moçambicano fundamentado no socialismo científico, não tiveram o sucesso desejado, pois as pessoas não compreenderam os objectivos da FRELIMO que, quanto a nós, eram os de libertá-la do jugo "tradicional" e agitá-la por forma a pensarem de maneira diferente daquela que estavam habituadas.

Especificamente para a comunidade de pescadores de Inhassoro, pensamos que esta situação gerou uma certa instabilidade social, descontentamento e mesmo apatia dos pescadores que, deste modo, não ajudaram nos esforços do governo tendentes a incrementar a actividade produtiva e consequentemente afectou negativamente o seu nível de vida.

Esta situação, voltamos a repetir, resultou em programas e planos de desenvolvimento distanciados da realidade cultural do país e seus grupos sociais. Isto está a criar uma situação contínua de conflitos não só entre o Estado e os pescadores da pesca de pequena escala naquela região mas também com aqueles que directa ou indirectamente se beneficiam das actividades deste grupo alvo.

3a O pensamento mitológico dos pescadores de Inhassoro é movido por uma necessidade ou desejo de compreender o mundo que os envolve, a sua natureza e a sociedade em que vivem<sup>8</sup>.

Esta questão deve-se ao facto de até aqui se verificarem discussões sobre o pensamento mitológico e as crenças mágico-religiosas que determinam o dia a dia de determinadas comunidades. Existem estudiosos que defendem que o mito é a "exteriorização" do pensamento primitivo.

Contudo, e concordando com Lévi-Strauss, pensamos que o pensamento mitológico que exterioriza as crenças mágico-religiosas dos pescadores de Inhassoro, constitue uma preocupação, por parte daquela comunidade,

---

8. LEVI-STRAUSS, 1970:31.



de dar uma interpretação aos fenómenos naturais (o que constitui uma tentativa de dominar a natureza) e estabelecer uma certa ordem no aproveitamento dos recursos aquáticos de que tanto necessitam para a sua existência.

4ª Decorrente desta óptica, pode-se aventar a hipótese de que os ritos e crenças ligadas à pesca artesanal em Inhassoro, estão, relacionados com a questão de insegurança no alto-mar, devido sobretudo às condições de navegabilidade das embarcações, na sua maioria canoas não motorizadas.

Este pressuposto poderá ser fundamentado pelo facto de, grosso modo, os pescadores artesanais com embarcações não motorizadas constituírem as camadas mais vulneráveis às intempéries do mar, pois um motor torna a embarcação um pouco mais autónoma no mar do que a que não possui motor. Há portanto um maior receio do mar por parte desses pescadores do que, por exemplo, dos da pesca semi-industrial.

5ª Existem diferentes categorias sociais que, através das suas diferenças sociais, políticas, religiosas e oportunidades económicas, poder-nos-ão sugerir a estrutura social da comunidade de pescadores de Inhassoro.

Pretende-se na análise deste ponto, seleccionar algumas categorias sociais que, por um lado constituem o nosso principal instrumento de análise e avaliação das componentes culturais daquela comunidade, por outro, fornecem-nos dados para avaliar o grau de influência que essas componentes culturais têm na actividade da pesca. Simultaneamente, pretende-se que a análise das diferenças sócio-culturais, económicas e políticas desses grupos nos forneçam uma base para sugerirmos o tipo de estrutura ou organização social que emana daquela comunidade.

Ainda em relação a este ponto, pensamos que determinados grupos sociais, principalmente os menos favorecidos economicamente, estão afectados negativamente pela falta de uma decisão política clara com vista ao seu impulsionamento como elementos viabilizadores do desenvolvimento económico do país.

6ª O Governo, os gestores de empreendimentos sociais e económicos, estão ganhando consciência de que nada poderá ser durável no país quando, na concepção dos seus empreendimentos económicos se exclui o homem moçambicano e a sua natureza".

Acredita-se que esta gradual tomada de consciência, em relação ao lugar e papel da cultura na vida sócio-económica, por parte não só dos gestores de empreendimentos, mas também dos governantes, demonstra a preocupação de que a cultura deve ser, e é de facto, o eixo pelo qual deve girar o desenvolvimento.

Este ponto reflecte também a nossa preocupação por aquilo que se pode chamar de, "falta de protecção e interesse" por parte do Estado pelo bem-estar do cidadão nacional sem condições económicas e sociais para atingir um estágio de vida aceitável para si e sua família.

---

9. Cf. MATUSSE, *at. all.*, 1993:2.

## CAPÍTULO II: METODOLOGIA

O método utilizado na recolha de informação consubstanciou-se em técnicas de pesquisa de natureza antropológica, inquirição e observação participante, o que permitiu de certa forma ter acesso a um tipo de informação que nos forneceu uma visão qualitativa mais profunda sobre a problemática em estudo.

O presente estudo tenta relacionar as informações obtidas a partir dos dados secundários (documentos de consultorias publicados e não publicados, brochuras, etc) e gerais sobre a área de antropologia, com as informações obtidas através de fontes orais a partir de inquéritos previamente elaborados para o efeito e submetidos aos diferentes grupos sociais da comunidade de Inhassoro.

### 2.1. Métodos de Recolha de Informação

#### 2.1.1. 1ª Fase

A investigação iniciou-se com uma pesquisa documental sobre o assunto. Na sua maioria, os documentos foram consultados na biblioteca do IDPPE e do Instituto de Investigação Pesqueira (IIP); seguiu-se à consulta bibliográfica geral, na área da antropologia social e cultural.

É de referir que se verifica uma grande lacuna em relação à documentação que se pode considerar de antropologia de pesca no geral. Nota-se uma ausência quase total de estudos sócio-antropológicos ligados ao assunto na região de Inhassoro<sup>10</sup>.

Entretanto foram consultados alguns documentos e estudos sobre o assunto, realizados em diferentes regiões do mundo.

#### 2.1.2. 2ª Fase

Esta fase iniciou-se com a concepção de diferentes questionários, base para a recolha de informações acerca do grupo alvo e culminou com

---

<sup>10</sup> Com excepção do documento sobre o censo de Inhambane (IDPPE) e do Rui Falcão (ver bibliografia).

a pesquisa de campo.

## 2.2. Metodologia de Pesquisa no campo

O processo de pesquisa de informação no terreno ao nível da região de estudo contemplou os seguintes instrumentos metodológicos:

- \* Entrevistas com entidades oficiais provinciais e distritais (DPIE-departamento das pescas de Inhambane, Administração distrital e Administração e delegação marítima); e

- \* Proprietários de empresas privadas de pesca no distrito de Inhassoro.

Em relação ao objectivo destes contactos, podemos dizer que eles não só visavam ter uma percepção destas instituições em relação ao assunto, como também visavam buscar experiências vividas e ou ouvidas sobre a evolução desta actividade económica, o relacionamento destas com a maioria da comunidade de pescadores, bem como buscar um apoio para a localização e contacto com os potenciais informadores.

- \* Entrevistas de profundidade com os dirigentes locais de cerimónias tradicionais ligadas à pesca, líderes religiosos, "velhos" com autoridade social, representantes da autoridade tradicional, pescadores simples e algumas mulheres, esposas de pescadores.

Estas entrevistas visavam, junto ao grupo alvo, fazer um levantamento sobre os principais aspectos culturais relacionados com a pesca naquela região, tais como os mitos, crenças, hábitos e costumes sociais, verificar o tipo de sistema de transmissão dessas regras de vida social, obter fontes para formular hipóteses sobre o modelo de vida e mecanismos de sobrevivência destes grupos sociais e, ao mesmo tempo, obter informações e percepções sobre a dinâmica comunitária e a possível existência de conflitos entre os diversos grupos da comunidade e extra-comunidade.

O método de selecção dos entrevistados foi aleatório, tendo havido a participação das entidades oficiais e tradicionais na localização, escolha e contacto com os potenciais informadores.

Saliente-se que foi mais fácil obter colaboração, por parte da

camada de pescadores mais vulneráveis do que propriamente da camada mais estável, a da pesca semi-industrial, o que é interpretado pelos primeiros como uma manifestação de receio por parte dos últimos em divulgar os segredos do sucesso dos seus negócios.

### 2.3. Área de Cobertura da Pesquisa no Terreno

A pesquisa sócio-antropológica realizada no distrito Inhassoro, circunscreveu-se apenas á Inhassoro-Sede e às localidades de Nhapele e Cotemela, por razões de vária ordem, onde se inclui a exiguidade de recursos financeiros e dificuldades de obtenção de meios de transporte adequados para regiões de difícil acesso e mais distantes. Vilanculo e Nova Mambone foram visitados apenas para efeitos de confirmação de algumas informações duvidosas.

Contudo, pensamos que este aspecto foi em grande medida colmatado com entrevistas a indivíduos que operam nessas regiões e ou tem mantido contacto com pessoas que lá vivem ou operam.

Os maiores centros de pesca de Inhassoro, para além da vila, são os de Nhamabwe, Ngovane, Nhagonzwene e a Ilha do Bazaruto. Cada um deles possui os seus sub-centros. O centro de Inhassoro cobre uma vasta área que inclui os sub-centros de Fequete, Petane, Mananisse, Tchipale, Majoho, Mucokwene e Tsondzo<sup>11</sup>.

Esta região foi selecionada não só por ser considerada representativa da situação geral da pesca de pequena escala em Moçambique, mas principalmente para complementar com um tipo de informação antropológica as informações de âmbito eminentemente sócio-económico, já existentes e documentadas no estudo de Falcão.

Para além do que foi referido anteriormente, esta região apresenta um particular interesse por constituir uma zona de influência dos *matswa* e *ndau* (a partir de Nova Mambone para o norte) onde cada uma delas possui um comportamento cultural distinto.

Sem incluir as entrevistas e contactos levadas a cabo junto dos

---

11. Cf. FALCÃO, 1993:7.

pescadores semí-industriais e instituições formais, um total de quarenta e sete (47) entrevistas de profundidade (entrevistas abertas) foram realizadas, distribuídas como está documentado na tabela nº 1, em anexo.

### CAPÍTULO III: APRECIÇÃO GENÉRICA DE ALGUNS CONCEITOS

O presente capítulo tem como objectivo último recapitular alguns conceitos pertinentes que, por um lado, devido à sua abrangência e / ou dificuldades de se chegar a uma definição de consenso e, por outro, devido à sua importância no decurso da análise desta temática, na medida em que constitui o instrumento básico de análise, sugerem-nos um tratamento separado que se pretende cuidadoso.

De facto, falar de aspectos culturais e / ou tradicionais sem dar um melhor direccionamento a determinados conceitos, isto em função dos objectivos do tema que nos propomos analisar, é criar condições para incorrer em mal-entendidos, o que se pretende evitar.

Portanto, cientes da existência de acesos debates sobre determinados conceitos no ramo das ciências sociais, procuramos aqui apresentar e de uma forma que pensamos ser mais conveniente para o presente estudo, os diferentes conceitos utilizados no documento.

#### 3.1. Conceito de Comunidade de Pescadores

Óscar Soares Barata refere-se à discussão ligada ao conteúdo específico que justifique o uso deste termo, "pois ao nível das Ciências Sociais ele aplica-se de diversas maneiras, podendo designar uma pequena aldeia ou pequeno bando de nómadas...ou a grande cidade, a região ou Estado, desde que em relação a eles exista um sentimento de participação diferenciado"<sup>12</sup>.

De acordo com a análise do mesmo autor, a evolução da definição deste termo desenvolveu-se até 1887 com a obra de Ferdinand Tonnies<sup>13</sup>, quando o termo "passou do geral para o restrito, empregando-se apenas

---

12. BARATA, 1990(b):246.

13. Com o seu conhecido ensaio *Gemeinschaft und Gesellschaft* que, traduzido significaria, Comunidade e Sociedade. Cf. BARATA, 1990(b):246.



para designar áreas sociais caracterizadas por uma interacção social em termos de relativa intimidade, de modo que todos os que aí vivem se conhecem bastante bem, mantendo entre si relações sociais do tipo das que Cooley designou relações cara a cara"<sup>14</sup>.

Norbert Elias, também citado por Óscar Soares Barata, define a comunidade em geral como sendo "(...), um grupo de famílias situadas na mesma localidade, ligadas entre si por interdependências funcionais que são mais apertadas do que as interdependências da mesma natureza com outros grupos de pessoas dentro do campo social mais vasto a que a comunidade pertence"<sup>15</sup>.

É nesta base que para efeitos do presente estudo, deve-se entender o conceito de comunidade de pescadores, como um grupo de famílias de pescadores com interesses afins e que estejam cooperando de forma mais ou menos organizada e com métodos socialmente aceites por todos, para atingir um ou mais objectivos.

Entretanto, ressalva-se que para o caso, a comunidade de pescadores não deve ser vista como uma unidade fechada ao exterior, mas sim como uma unidade que à partir da influência cultural que recebe do exterior se une face às ameaças e necessidades de sobrevivência no seu meio, em geral muito complexo, cujos meios tornam a vida muito difícil.

Existem, como já referimos, cerca de 100.000 pescadores artesanais no país em geral, e cerca de 1250 em Inhassoro que se apresentam organizados (dentro das suas comunidades) de diferentes maneiras (privado, individual, familiar, sociedade, cooperativa, associação).

É com o objectivo (do IDPPE) de lidar com grupos ou comunidades de pescadores e enveredar por acções de desenvolvimento nessas comunidades com base em formas conhecidas de cooperação e organização a partir das

---

14 BARATA, 1990(b):246.

15 BARATA, 1990(b):246.

autoridades locais, dos vários grupos de interesse e formas de cooperação e da interrelação social (autoridades e comunidades, indivíduos e agrupamentos, camadas da população e sexos , etc.) que, o conceito de comunidade de pescadores deverá ser visto no presente estudo.

### 3.2. Conceito de Cultura

Como foi referido anteriormente, este é um dos conceitos mais polémicos, devido sobretudo à sua maior abrangência, o que nos últimos anos tem suscitado acesos debates no ramo das ciências sociais.

Há séculos que o ramo das ciências sociais tem-se debatido com a questão daquilo que a Antropologia Cultural, como uma ciência que é, designa de cultura. É nesta linha que encontramos diferentes formas e maneiras evolutivas de definir este conceito, principalmente entre os cientistas do presente século.

É um facto que o próprio conteúdo ou definição do termo cultura, tem suscitado interpretações que resultam em divergências entre os diferentes cientistas que ao longo dos anos se têm preocupado com o assunto. São os casos de A.L. Kroeber e C. Kluckhohn, durante as décadas 40 e 50 do presente século, ..." onde reuniram cerca de 164 definições do conceito cultura e mostram uma certa dificuldade em chegar a uma visão de síntese"<sup>16</sup>.

Contudo, nos últimos tempos, tem-se notado um certo consenso em relação ao assunto, se bem que sob forma de definições de certo modo gerais tal como a que nos é sugerida por Manhiça e Santana Afonso quando defendem que o conceito cultura pode ser entendido como sendo "o eixo em torno do qual gira a vida tanto do indivíduo como da sociedade"<sup>17</sup>.

---

16 BARATA, 1990(a):115-116.

17 MANHIÇA & SANTANA AFONSO, 1993:4 .

Samora Machel defende que quem produz a cultura é o povo, o povo que nunca morre, que vive milhares de anos. Para ele a cultura é o modo de vida de um povo sem nenhum esforço de laboração mental, é o modo como o povo vê e interpreta a natureza e a sociedade em que vive, o modo como concebe o papel do homem perante a natureza e a sociedade, o modo como age ou tenta agir para se realizar enquanto homem<sup>18</sup>.

Malinowski pretende que este conceito seja entendido como "o todo integral constituído por implementos e bens de consumo, por cartas constitucionais para vários grupos sociais, por ideias e ofícios humanos, por crenças e costumes"<sup>19</sup>.

Melville, citado por Barata, defende que "a cultura é a parte do ambiente feita pelo homem, e por isso compreende as técnicas, a ciência, o direito, a moral, os costumes e tudo mais que o homem implantou sobre a natureza"<sup>20</sup>.

Goodnough, citado por Geertz, compartilha este pensamento que, aliás achamos que é a definição pela qual nos deveríamos guiar, ao defender que, a cultura de uma sociedade, "consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceite pelos seus membros"<sup>21</sup>.

Tylor, na sua obra *Primitive Culture*, como resultado da sua análise às várias definições até então formuladas em volta deste conceito, definiu o termo cultura como "...o todo complexo que inclui o conhecimento, a crença, a arte, a lei, a moral, o costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma

---

18 Cf. MACHEL, 1979:6.

19 MALINOWSKI, 1975:42.

20 BARATA, 1990(6):113.

21 GEERTZ, 1989:21.



sociedade"<sup>22</sup>.

Com base nas definições vistas acima, e pelo que foi possível observar em relação ao comportamento da comunidade de pescadores de Inhassoro, quanto a nós a cultura deve de facto, ser vista como a maneira, compartilhada por todos, como um determinado grupo ou comunidade social, implantado num certo espaço geográfico, interpreta os fenómenos naturais do seu habitat.

Portanto, a cultura no contexto deste estudo é a visão desta comunidade em relação ao mundo e as coisas, é a maneira como os seus componentes exprimem os seus impulsos resultantes das relações sociais dentro da sua comunidade, ...como resultado do conteúdo cultural que condiciona o meio ambiente em que eles vivem.

Como diz Kluckhohn, a cultura é portanto "uma teia de significados que ele mesmo (o homem) teceu e nas quais se encontra amarrado"<sup>23</sup>.

Nesta base procuramos neste estudo interpretar os significados das diversas componentes culturais, "enroladas na teia" criada pela comunidade de Inhassoro.

Concordando ainda com Malinowski, quando afirma que "identificar deve significar compreender"<sup>24</sup>, propomo-nos a identificar e divulgar os aspectos culturais (mitos, crenças e ritos) da comunidade em análise, procurando avançar uma discussão em relação à sua eventual interferência na pesca de pequena escala, sobretudo na pesca artesanal, e para a manutenção da ordem social e económica naquela comunidade de pescadores.

A questão cultural, quanto a nós, deve ser encarada com muita seriedade, pois é muito importante para o desenvolvimento económico de um país. A sua inobservância pode implicar a destruição dos projectos e

---

22 BARATA, 1990(a):113.

23 GEERTZ, 1989:15.

24 MALINOWSKI, 1975:72.

iniciativas de desenvolvimento que se pretendam introduzir em determinadas comunidades sociais do nosso país.

Por isso, é particularmente perigoso tentar modificar, através de imposições e de forma repentina, a cultura de uma determinada sociedade.

### 3.3. Conceito de Desenvolvimento

O conceito de desenvolvimento, em termos gerais "refere-se a um processo, e no contexto contemporâneo o processo é um movimento para uma condição que determinadas nações supostamente tenham atingido"<sup>25</sup>.

Geralmente, quando se fala de desenvolvimento pensa-se de imediato numa expansão económica de um dado país ou região, que se reflecte num melhoramento das condições materiais e financeiras de toda a população. Mas, na realidade, o desenvolvimento económico de um país não significa apenas e necessariamente o bem-estar material da maioria populacional como se pensa.

Durante muitos anos, o conceito de desenvolvimento, mereceu interpretações políticas que o ligavam ao desenvolvimento quantitativo e financeiro que uma determinada sociedade atinge, onde os instrumentos de avaliação podiam ser o número de pontes e estradas construídas, a quantidade de equipamento tecnológico importado e exportado e a sua capacidade de utilização numa sociedade, a posse de determinados bens de luxo por uma camada social num país, etc.<sup>26</sup>.

Contudo, nos últimos anos, tem-se verificado uma certa tendência crítica a essa corrente por parte principalmente de cientistas sociais que pretendem demonstrar que o desenvolvimento não é, e nunca deverá ser, medido apenas em termos quantitativos mas sim que, essa definição de metas de crescimento deve ser, também "...em termos de melhoria da

---

<sup>25</sup> MAIR, 1984:1.

<sup>26</sup> Cf. MANHIÇA & SANTANA AFONSO, 1993:5.

situação cultural, realização colectiva e individual, bem estar geral e protecção do meio ambiente"<sup>27</sup>.

Lucy Mair refere-se a uma missão do Banco Mundial que, em 1961 identificou na Tanzania dois tipos de desenvolvimento: **melhoramento** (adopção de técnicas mais eficientes dentro de uma determinada estrutura económica e social) e **transformação** (que é a transformação dessa mesma estrutura)<sup>28</sup>.

Pensamos que esta definição poderá enquadrar-se melhor para o tipo de desenvolvimento que se pretende para a sociedade em estudo, pois a introdução de novas tecnologias que se vier a realizar, deverá em princípio significar o melhoramento e transformação gradual da comunidade de pescadores de Inhassoro.

Pressupõe-se portanto que, o desenvolvimento resulte da harmonia entre a natureza, a cultura, as aspirações e princípios de uma determinada sociedade e que, sobretudo, deve-se deixar que se pratique de forma democrática a cultura de cada região, comunidade ou grupo social.

Quanto a nós, o abandono ou inatenção em relação aos valores "tradicionais", práticas religiosas, formas de produção e organização social e de trabalho próprias das comunidades pescadoras e, a prioridade dada aos interesses do Estado e do governo sobre os das comunidades rurais, poderá constituir um grande nó de estrangulamento para o desenvolvimento.

Sendo que o conceito de desenvolvimento sinónimo de bem-estar material dos indivíduos e / ou sociedades, para efeitos do presente estudo consideramos, não só a questão material, mas também o bem-estar moral que, quanto a nós passa pela consideração das especificidades

---

<sup>27</sup> MANHIÇA & SANTANA AFONSO, 1993:5.

<sup>28</sup> Cf. MAIR, 1984:9.

sócio-culturais de cada comunidade.

Resumindo, pretende-se com a análise deste ponto, defender que o desenvolvimento da comunidade de pescadores de Inhassoro passa necessariamente pela observância das suas especificidades culturais que ditam a sua dinâmica social.

### 3.4. Conceito de Tradição e Modernidade

Pode-se definir a tradição como um conjunto de práticas que num determinado momento histórico se tornaram rotina, i.e., se tornaram tradição para aqueles que os inventaram e utilizaram, no seu espaço e tempo. A estas práticas, transmitidas de geração em geração, consideram-se tradição.

Pensamos que é oportuno tratar deste conceito porque, é comum ouvir dizer que quem defende a manutenção e ou difusão da tradição é simplesmente um defensor da estagnação ou imobilismo social, político e económico de uma determinada sociedade, porque assim pensam os "ditos analistas"- a tradição constitui e sempre será um obstáculo ao progresso<sup>29</sup>.

Contudo, quando devidamente observada concluimos que, duma maneira geral a sua evolução é positiva, não só por ser estável, mas principalmente porque ela é flexível e, portanto moldável em função do desenvolvimento sócio-económico duma dada sociedade.

Balandier reforça este nosso ponto de vista ao definir a tradição como uma forma de "manutenção de instituições, quadros sociais ou culturais, cujo conteúdo se modificou, onde da herança do passado, só alguns meios são conservados - as funções e objectivos mudaram"<sup>30</sup>.

De facto, a tradição não é estática, ela é dinâmica, mesmo que aparentemente ostente uma estagnação. Um exemplo pode ser dado pelas instituições como "chefaturas" ou "regulados", onde apenas encontramos símbolos que se mantiveram ao longo dos anos, mas os seus significados, o conteúdo e funções (objectivos) foram mudando ao longo dos anos.

De referir que, ao longo dos séculos, a tradição foi e é manipulada pelos diferentes governantes, reflectindo assim aquilo que os

---

29 CL.MANHIÇA & SANTANA AFONSO, 1993:14 .

30 BALANDIER, 1987:174 a 175 .



detentores do poder gostariam que fosse o passado que os legitime perante o povo ou perante os governados.

Devido a essa possibilidade de manipulação, é comum assistir-se ao desenvolvimento de conflitos de tradições, entre a visão dominante e a visão dominada.

Apesar disto, pensamos que a tradição é uma condição necessária e imprescindível, se bem que não suficiente, para qualquer tipo de projectos de desenvolvimento, pois pensamos que sem ela, dificilmente se pode planificar o desenvolvimento de uma determinada região ou grupo social, na medida em que constitui uma base de partida para que um elemento estranho e externo, com o objectivo de impulsionar a dinâmica sócio-económica, se enquadre e se estabeleça com sucesso.

Entretanto, segundo Manhiça e Santana Afonso, o conceito de tradição, que ainda se acha "preche" de imprecisões, em determinados círculos de estudiosos, principalmente ocidentais, ela, que não é mais do que a transmissão de geração em geração dos costumes, crenças, lendas, provérbios, etc., é vista como continuidade. O Moderno é visto como rotura do tradicional, através de práticas, pensamentos, estilos que se afirmam modernos e contrários às crenças, lendas, costumes, etc., de uma comunidade considerada "primitiva"<sup>31</sup>.

A tradição, concordamos, pode algumas vezes pode constituir obstáculo para a introdução de novas ideias para o desenvolvimento; mas quando devidamente conhecida e compreendida, o que pressupõe a sua investigação, poderá constituir um meio para a prossecução de acções de desenvolvimento comunitários.

Em geral os hábitos e costumes tradicionais, constituem uma tentativa de continuidade da cultura das sociedades que, de uma certa forma, procuram a todo custo melhorar as suas condições.

---

31 Cf. MANHIÇA & SANTANA AFONSO, 1993, 12 e 15.

É nesta perspectiva que iremos abordar questões consideradas "tradicionais" pelos pescadores de Inhassoro. Pretende-se, em última instância, defender que têm as suas próprias funções sociais no seio daquela comunidade.

### 3.5. Conceito de Mito

Iremos neste ponto tentar definir o conceito de mito segundo os objectivos deste estudo, cientes da polémica que se tem levantado no seio dos especialistas sobre o assunto, particularmente em relação à veracidade contida no seu conteúdo bem como as suas funções e objectivos.

Robert Tucker, define mito como um conjunto de sinais e símbolos de uma realidade encarada na visão dos seus mentores; por isso pode ser um conto moralista de bem contra o mal, uma narrativa de luta entre as forças construtivas e destruidoras pela posse do mundo<sup>32</sup>.

Mircea Eliade, defende que "o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares (...). O mito conta uma história sagrada e, portanto verdadeira, porque sempre se refere a realidades"<sup>33</sup>.

Pelo facto de o mito em si constituir um mito, encontramos duas correntes antropológicas que fazem uma abordagem e interpretação distinta em relação a ele:

- \* A corrente funcionalista, de Malinowski, Mircea Eliade e outros que, considera que as sociedades "atrasadas ou primitivas", devido ao seu estágio de desenvolvimento, recorrem ao mito com fins utilitários, p.ex., preces para a chuva, fertilidade, etc.; e

- \* A corrente estruturalista, de Radcliffe-Brown, Lévi-Strauss e

---

<sup>32</sup> TUCKER, 1963:247 e 251.

<sup>33</sup> ELIADE, 1991:11.

seus seguidores que, defende que, usando o mito, as sociedades ditas "primitivas" procuram compreender o mundo e os seus fenómenos, i.e., o mito é algo conceptual.

Para não sustentar a polémica existente em redor deste conceito, gostaríamos de referir que a nossa análise sobre os mitos constatados neste estudo, poderão em algum momento ser vistos como funcionalistas e noutros integrados na corrente estruturalista. De facto apresenta-se particularmente difícil separar estas duas correntes nas interpretações dos diferentes mitos ligados à pesca e feitas pela comunidade.

Concordamos entretanto com Mircea Eliade quando defende que, "compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos"<sup>34</sup>.

Nesta base, pensamos que conhecendo e compreendendo no seu contexto os mitos e crenças da comunidade de Inhassoro, ter-se-á uma base de partida para implantar leis e normas da actividade pesqueira naquela comunidade.

No seio da comunidade de pescadores de Inhassoro, de facto encontramos este pensamento cosmogónico, pois em muitos casos o mito está associado a uma interpretação sobre a origem e existência das coisas e "...fundamenta e justifica todo o comportamento e toda a actividade do homem"<sup>35</sup>, i.e., ensina-lhe como fazer ou proceder em determinadas situações segundo o que foi preconizado pelos seus deuses (tinguluvi) que, simultâneamente são seus ancestrais.

Sendo a principal função do mito a de revelar os modelos exemplares de todos os ritos e actividades humanas significativas, desde a

---

<sup>34</sup> ELIADE, 1991:8.

<sup>35</sup> ELIADE, 1991:10.

alimentação, passando entre outros, pelo casamento e trabalho até à sabedoria<sup>36</sup>, no presente estudo propomo-nos, sem muitos detalhes polémicos, trazer à luz e analisar as funções e objectivos de alguns mitos principais da comunidade de pescadores em análise.

---

36 Cf. ELLADE, 1993:13.

## CAPÍTULO IV: A REGIÃO DE ESTUDO

### 4.1. Caracterização Geral do Distrito

Segundo informações fornecidas pela Administração distrital, Inhassoro possui actualmente uma população estimada em pouco mais de 60 mil habitantes (distribuídos conforme a tabela nº 2, em anexo) contra os dados do censo de Agosto de 1989, onde a população era de cerca de 33.748<sup>37</sup>.

Este distrito que se localiza a noroeste da província de Inhambane, ocupando uma área de 6.300 Km<sup>2</sup>, compreende as localidades de Inhassoro-Sede, na sua zona central, Maimelane e Cometela, na zona sul, Nhapele, na zona norte e ainda o posto administrativo de Bazaruto.

Em termos económicos, especialmente em relação à pesca, onde se destaca a pesca semi-industrial, Inhassoro constitui um dos centros mais importantes de produção de pescado, contribuindo inclusive para o fornecimento daquele produto às províncias de Maputo, Manica e Sofala. De salientar que é ainda o único distrito ao nível da província de Inhambane que pratica a pesca semi-industrial de arrasto mecânico com tractor. Para além da pesca tem ainda como actividade principal a agropecuária.

Segundo o que foi nos dado observar, confirmando os dados fornecidos no estudo de Falcão, a pesca semi-industrial, constitui o sector mais importante e aquele que mais oportunidades de emprego oferece à população local para além do grande contributo que dá na alternativa de dieta protéica para aquela comunidade, de parceria com alguns produtos agrícolas como milho, mexoeira, amendoim, feijão, etc.<sup>38</sup>.

---

37 Cf. FALCÃO, 1993:13.

38 FALCÃO, 1993:13.

Em termos étnicos, como já foi referido anteriormente, a população de Inhassoro classifica-se como **Matswa** pertencente ao grupo dos **Tsonga**, povo de linhagem patrilinear que se dedica tradicionalmente à agricultura (principalmente as mulheres) e criação de gado, se bem que no caso deste distrito a base de sustento seja a pesca, constituindo a agro-pecuária uma actividade secundária.

As igrejas Metodista, Metodista livre, Assembleia de Deus, 12 Apóstolos, Dangué, Zione, Católica, Velhos Apóstolos e Muçulmana, constituem as congregações religiosas existentes no distrito de Inhassoro, aos quais, como vários entrevistados referiram, constituíram a partir de 1975, o meio de eles entrarem em contacto com os seus defuntos / espíritos, visto que a prática da religião local, baseada no culto dos antepassados, foi conotada com a superstição e por isso foi desencorajada e até mesmo perseguida.

É de referir que Frelimo, ao mesmo tempo que citava Lénine, no seu relatório do CC ao III<sup>o</sup> congresso, defendendo que a "religião seja qual for, é o ópio do povo"<sup>39</sup>, estava a contribuir para a hierarquização da religião<sup>40</sup>, pois os seus discursos em relação à cultura moçambicana, colocaram, mesmo que indirectamente, no topo, a religião considerada universal, em detrimento da "considerada" regional, comunitária ou familiar, tida como atrasada e "preche" de superstições.

Este distrito, que apresenta também boas condições para o desenvolvimento do turismo, de parceria com várias outras regiões do país, foi afectado pela guerra e seca, o que levou à concentração da população na sua zona costeira à procura de uma fonte de subsistência, neste caso a pesca, e simultaneamente à procura de melhores condições de segurança que a configuração da zona oferecia.

---

<sup>39</sup> Cf. Relatório do CC ao III Congresso.

<sup>40</sup> Que Spiro considera ser uma instituição normativa; algo de sacro, que os rituais ou manifestações cerimoniais estejam estritamente estruturadas; que haja consenso no seio da comunidade em relação ao ritual, que haja crença em algo de sobrenatural. Cf. Londin, 1994:3.

Como consequência deste êxodo, verificaram-se por sua vez modificações nas suas actividades de rendimento, pois em vez do cultivo da machamba, muitas famílias passaram a depender quase exclusivamente da pesca e pequenas actividades comerciais; na divisão social do trabalho e organização interna das famílias, o que se reflecte no aparecimento de instabilidade social e económica traduzida na pobreza generalizada da população, principalmente na que vive fora da sede distrital e que não tem acesso a nenhum tipo de ajuda externa.

Por outro lado, a deslocação de milhares de pessoas para a região costeira de Inhassoro, veio piorar a situação de pressão sobre os recursos que já se verificava devido ao arrasto mecânico para a praia com tractores. Contudo, pensamos que esta situação poderá melhorar substancialmente com a possível normalização da segurança no país que, se está a traduzir no regresso da maior parte dos camponeses e pescadores imigrantes às suas zonas de origem.

#### 4.2. Perfil geral do grupo alvo

Como referimos anteriormente, em Inhassoro foram realizadas 47 entrevistas ao grupo alvo principal deste estudo, divididos entre os diferentes grupos sociais que compõem aquela comunidade de pescadores.

O objectivo era o de poder fazer uma comparação entre os níveis e perspectivas de interpretação dos fenómenos naturais, do mundo e da vida existentes entre os referidos grupos populacionais que, entretanto coabitam no mesmo espaço físico e social.

As classes de idade mais representadas são as que se situam entre os 25-45 anos (considerados novos) com 13% e os 45 anos em diante (considerados idosos) com 87%. Estes dados, aparentemente, parecem indicar-nos que a população de Inhassoro é na sua grande maioria velha, sendo na realidade o contrário, pois que estes dados referem-se ao grupo

entrevistado.

De referir que entre estes dois grupos etários verificaram-se diferenças de grande vulto em relação à problemática do papel das práticas tradicionais na actividade piscatória. Enquanto o primeiro grupo praticamente é alheio a essas "normas", o segundo mostra-se bastante conservadora e até certo ponto "magoado" com o abandono a que elas estão votadas.

Relativamente aos homens chefes-de-família entrevistados, somente três (3) praticam a poligamia, possuindo 2 mulheres que trabalham na mesma aldeia mas em lugares diferentes. Dos três casos de poligamia encontrados, só há um (1) caso em que as duas esposas viviam no mesmo quintal, apesar de possuírem casas diferentes.

A principal actividade económica desenvolvida pelos entrevistados homens é a pesca, sendo a agricultura, onde as mulheres entrevistadas se encontram ocupadas, a actividade complementar das famílias dos entrevistados.

Saliente-se que nesta região não existe o hábito de emigração dos homens por motivo de trabalho (como é "tradição" mais para o sul da região e do país), o que explica a presença de todos sempre que fossem solicitados para entrevistas. Há somente casos isolados de homens e mulheres que se deslocam a Manica e Sofala, por um período não superior a 15 dias, à procura de mercado para o seu pescado.

A língua dominada pelo total dos entrevistados era o Xitswa e relativamente ao domínio do português, somente 3 sabiam falar a língua portuguesa, se bem que deficientemente.

A educação formal constatada entre os entrevistados é, de um modo geral muito baixa ou mesmo inexistente, com excepção para alguns dos pescadores semi-industrias contactados.

O tipo de agregado familiar predominante em Inhassoro, pelo menos



entre o grupo entrevistado, é o nuclear, havendo dois casos de família alargada verificados, i.e., onde vivem duas gerações de parentes dentro do mesmo agregado.

Normalmente, segundo os entrevistados, todos os membros adultos do agregado familiar contribuem para a subsistência do agregado, sendo essa contribuição feita sob diversas formas, como p.ex., em dinheiro e trabalho.

#### 4.3. Breves traços sobre a História de Evolução da Pesca na Região

De acordo com Donato, há mais de um século, concretamente em 1893, António Ennes apresentou um relatório sobre o que se chama hoje República de Moçambique, ao rei de Portugal onde, descrevendo o litoral, escreve, (...) "No litoral, em lagos tactos, vivem melhor as rãs do que os homens; é onde os rios empoçam as águas, o mar espalha as areias, e os raizamos dos mangaes prendem os lodos." (...)<sup>41</sup>.

Segundo este autor, desde a altura que António Ennes escreve o que então havia observado, mesmo com os esforços que ao longo deste século foram sendo empreendidos para o desenvolvimento da PPE em Moçambique, as comunidades pescadoras continuam num nível de desenvolvimento social e económico longe do que seria de desejar.

Diferentemente do faseamento (em quatro momentos) da história de desenvolvimento do sector, se bem que para uma região específica, feita por Donato<sup>42</sup>, em Inhassoro poder-se-á, segundo as informações fornecidas pelos informadores idosos entretanto contactados, sistematizar a evolução do desenvolvimento deste sub-sector em três fases:

---

41 DONATO, 1991:6.

42 DONATO, 1991:6.

## 1º Momento - pesca do tipo familiar (até fins da década 50)

Período caracterizado principalmente pela produção virada para o consumo familiar, sem querer com isso defender a ideia da exclusividade de autoconsumo, pois como estas comunidades de pescadores também necessitavam de variar a sua dieta alimentar, praticavam uma pequena produção destinada a trocas comerciais sob forma de **escambo**<sup>43</sup>.

Entretanto, ainda hoje há referências em relação à continuação deste processo de escambo entre um determinado sector de pescadores artesanais que, confrontados com a problemática da deterioração dos termos de troca, opta por comercializar o seu pescado nestes moldes, trocando principalmente com vestuário ou com um determinado equipamento de pesca.

Durante este período, a pesca à linha de mão a pé e / ou com canoas e a pesca de arrasto de praia, feita manualmente, constituíram as artes de pesca mais predominantes em Inhassoro. A praia de Inhassoro apresenta condições particularmente difíceis para esta actividade, devido às fortes correntes e ao leito do mar bastante fundo, daí a pesca de arrasto para a praia exigir um grande número de pessoas, entre 25 a 30, para manobrar a rede.

As relações familiares (pais, filhos e irmãos) eram predominantes na constituição das tripulações das embarcações que, eram essencialmente canoas de produção "caseira" artesanal, com algumas excepções referidas em relação à existência de algumas embarcações de fibra sintética pertencentes a alguns estrangeiros e / ou oferecidos a alguns pescadores "nativos" pelos patrões como resultado de bons serviços prestados nas embarcações daqueles, isto já durante a década 50 do século em curso.

---

43 É a troca directa de mercadorias (produtos), i.e., um sistema de comercialização sem utilização de uma moeda padrão.

## 2º Momento - Período Transitório (Fins de 1950 até 1975)

Período caracterizado pelo surgimento massivo de indivíduos, essencialmente de origem estrangeira, com destaque para asiáticos, chineses, que por possuírem uma estabilidade social e financeira acima da média local, montaram um sistema de redes de transportes de carga, principalmente para o escoamento do pescado seco e fresco, comprado aos pescadores artesanais, para os centros urbanos como Beira, Chimoio e Maputo.

Nomes como Max, Vasconcelos, Joaquim Alves, Chang Long Men, Pack S. Wen, Wing Sen, Sin Fan, Pack Li, Fu Hin, Pack Ho, Aparício dos Santos Cardoso e Joaquim António Cunha, constituem uma referência obrigatória no historial da dinâmica pesqueira e sócio-económica da comunidade de pescadores de Inhassoro, a partir dos fins da década 40 e durante as décadas 50/60 do presente século, altura em que começam a estabelecer-se naquela região, vindos da China, Macau e Portugal.

Para os chineses, a maioria dos quais provenientes da China via Macau, Moçambique constituiu nesse período histórico, alternativa para se libertarem do sistema político comunista daquele país, com o qual não concordavam, pois atropelava os seus princípios e desígnios individuais<sup>44</sup>.

Nos primórdios da década 60, um Inglês referido como Max, secundado por um português conhecido por Vasconcelos, introduziu a técnica de arrasto mecânico com tractor que, rapidamente foi assimilada pelo grupo dos asiáticos (chineses). Esta técnica permitiu a utilização de redes de maiores dimensões, i.e., de grande capacidade, o que se reflectiu no incremento da produtividade e no aumento dos lucros.

Praticando o arrasto mecânico para a praia com tractor, os chineses adquiriram um estatuto social e económico que lhes permitiu controlar a

---

44. Pack S. Wen, um dos grandes pescadores de Inhassoro, que se estabeleceu naquela região em 1941.

actividade naquela região. Até à altura da independência em 1975, existiam cerca de 12 ou 13 tractores utilizados na pesca.

A maioria dos pescadores africanos de Inhassoro não se adaptou rapidamente à esta nova tecnologia (pesca de arrasto mecânico) introduzida por Max e Vasconcelos, não tanto causado por uma resistência cultural, mas sim porque esta requeria grandes investimentos financeiros<sup>45</sup>, os quais, por motivos históricos, eles não reuniam condições de satisfazer.

É de referir ainda que, os asiáticos introduziram naquela região nova tecnologia de construção de embarcações<sup>46</sup> que, se repercutiu no incremento da produção.

Contudo, gradualmente, esta dinâmica pesqueira que, coincide com o levantamento nos anos 60<sup>47</sup> da proibição da pesca de arrasto industrial em Moçambique<sup>48</sup>, segundo a maioria dos entrevistados, vai permitir o surgimento de uma elite de pescadores nacionais que, com os Chineses, aprenderam entre outras coisas a investir os seus rendimentos e os abriu culturalmente para outros horizontes.

Esta ascensão de um grupo de pescadores locais, reforçada pelos casamentos com os descendentes dos chineses, permitiu-lhes que, paulatinamente, se fossem tornando economicamente poderosos em relação à maioria dos seus conterrâneos, até ao ponto de exercerem um controle total sobre a actividade e todos os seus mecanismos.

A dinâmica pesqueira, grosso modo motivada pela instalação de câmaras frigoríficas para a conservação de pescado e redes de

---

45 Necessários para a substituição, em cada fim da época pesqueira, de cabos de aço, redes, bem como para adquirir os tractores.

46 Constrõem um tipo de lanchas, cujo modelo é exclusivo para as características do mar que banha a região de Inhassoro.

47 Na história, este período coincide com a abolição de muitas leis discriminatórias, i.e., introdução de reformas sócio-económicas em Moçambique, com a passagem ainda de Moçambique para o estatuto de estado de Moçambique e com o início da guerra em Angola.

48 Cf. KRANZ: *op. cit.*, 1989:12.

transportes para o seu escoamento, foi em certa medida acompanhada duma gradual instalação física de estabelecimentos comerciais, cantinas, que garantiram uma maior possibilidade de aquisição de produtos diversificados pela comunidade de pescadores. Isto em parte significou uma diminuição das trocas comerciais sob a forma de "escambo".

Entretanto, devido aos grandes níveis de produção que se verificavam em Inhassoro, o governo colonial, através de uma Missão de Estudos dos recursos marinhos, decretou pela primeira vez naquela região um período de veda de dois (2) meses.

Em relação ao desenvolvimento da pesca e comércio em Inhassoro, maior destaque é dado à rede comercial fundada pelo já referido **Joaquim Alves** ou **Cixinde**<sup>49</sup> (nos finais da década 50 e durante a década 60), um indivíduo de origem portuguesa que esteve casado com uma mulher de Sofala conhecida por **Dona Ana**.

As suas actividades económicas incluíam vários estabelecimentos comerciais e hoteleiros, uma rede de transportes rodoviário e marítimos, entrepostos frigoríficos, etc., entre a região de Vilanculos, passando por Inhassoro<sup>50</sup>, até Nova Mambone, incluindo as Ilhas Bazaruto, Magarugue e Santa Carolina.

Segundo informações obtidas, o Alves deu um grande contributo para o desenvolvimento económico da região norte da província de Inhambane, e especificamente no sector das pescas, através de uma melhor prestação de serviços, pois até construiu pistas para aterragem de avionetas em Inhassoro e Vilanculos que, eram usadas para o escoamento da produção pesqueira. Como reconhecimento dos seus préstimos, foi nomeado, no princípio da década 60 pelo governo colonial, seu deputado provincial na

---

<sup>49</sup> Nome local do esquilo, animal selvagem, esperto e bastante admirado localmente. Este indivíduo era considerado bastante esperto, por isso comparado com o esquilo.

<sup>50</sup> Que até 1986 estava integrado nos distritos de Vilanculo (a parte sul) e Govuro (a parte norte, incluindo a sua sede).

região norte de Inhambane<sup>51</sup>.

Até à altura da sua morte natural em 1974, ele exercia grande influência política e económica em quase toda a Província de Inhambane e há referências de, em 1962, ele ter requerido a compra de toda a região norte de Inhambane, incluindo as ilhas, sem entretanto ter logrado os seus intentos.

Contudo, esta evolução que se fez sentir principalmente na esfera produtiva pesqueira e comercial em Inhassoro, pecou pela não evolução da esfera de prestação de serviços de reparação naval, pois não foram ali construídos nenhuns estaleiros ou oficinas para construção e reparação naval.

### 3º Momento - O Período posterior a 1975

O advento da Independência Nacional em 1975, originou uma fuga massiva do país dos proprietários privados (sobretudo estrangeiros) de todos os sectores económicos, incluindo os da pesca, devido principalmente ao tipo de discursos políticos ora divulgados e que preconizavam a instalação de uma economia socialista.

Esta tendência política foi confirmada em 1977, como resultado das deliberações do 3º congresso da FRELIMO. O governo introduziu uma política que se denominou de socialização do campo e cooperativização como forma de criar um bem-estar para a maioria da população, com base num equilíbrio económico da sociedade<sup>52</sup>.

Inhassoro, onde como já foi referido anteriormente, a maior parte dos proprietários privados eram asiáticos, não escapou a esse fenómeno. Estes, que na sua grande maioria se identificavam com as regras do capitalismo, não suportaram as tendências da nova política económica do

---

51 Fonte: Administrador do Distrito de Inhassoro, Sr. Mathe.

52 Ver Relatório do CC ao IIIº Congresso.

governo da Frelimo que, entre outras medidas preconizava a nacionalização de bens dos privados.

Numa primeira fase, esta política terá resultado. Mas a má gestão das infraestruturas e dos fundos resultantes da produção colectiva motivadas, por um lado, pela falta de experiência no assunto por parte dos pescadores beneficiários (já que os que possuíam essa experiência preferiram "pôr-se á margem") e, por outro, pela situação de guerra e seca que assolou o país em geral a partir de 1981, levou ao fracasso deste "projecto" governamental.

Um dos nossos informantes disse que, muitos abandonaram o país ou alhearam-se ao novo processo de produção porque, **"até questões salariais dos trabalhadores passaram a ser decididas em comícios populares"**<sup>53</sup>.

Os poucos que permanecem(ram) no país, e que afirmam que lhes foram nacionalizadas as infraestruturas e equipamentos produtivos a favor das cooperativas de pescadores, dizem que são motivados por questões de índole essencialmente social, visto que estão ou estavam casados com mulheres nativas e de uma certa maneira, como mencionaram nas suas entrevistas, já não se identificavam com os seus países de origem.

Em relação à afirmações do tipo acima referidas, foi-nos informado que, no sector das pescas em geral, e particularmente em Inhassoro, **"sòmente foram estatizados equipamentos e infraestruturas abandonados, portanto não é verdade que esses indivíduos tenham abandonado o país depois de nacionalizados os seus bens"**<sup>54</sup>.

Mas a verdade é que, durante este período verifica-se um declínio acentuado da produção pesqueira, agravado pela diminuição acentuada do número de tractores de arrasto mecânico, talvez devido à política governamental de preços fixos que, inviabilizou a possibilidade de

---

53. Pack S.Wen, um dos pescadores prestigiados da região.

54 Manuel Luís Gonçalves, ex-director da extinta UDPPPE e actual director do IDPPE.

reposição dos materiais e equipamentos para a pesca, tal era a desproporção entre os lucros e os custos das operações.

A Direcção Nacional da Pescas, entretanto criada em 1976 e, posteriormente a SEP<sup>55</sup> criada em 1980 não conseguiram modificar a situação de declínio sócio-económico que se esta(va) verificando na comunidade de pescadores de Inhassoro.

No âmbito da PPE, à então UDPPE<sup>56</sup> sob tutela da SEP, foram confiadas tarefas que visavam o incremento da produção pesqueira de pequena escala e a elevação do nível de vida das comunidades de pescadores, através dos CP's e outros pequenos centros de apoio.

Donato com quem estamos de acordo, resume o processo de evolução do sector de pesca em Moçambique neste período, em três fases distintas<sup>57</sup>:

1ª Fase (de 1975 a 1980), caracterizada por uma política populista de cooperativização do sector de pesca, quanto a nós, tendo esta política na região de Inhassoro (onde foram criadas três cooperativas, Josina Machel, Emília Dausse e Eduardo Mondlane) sido implantada a partir de infraestruturas e equipamentos nacionalizados principalmente aos asiáticos.

Em Inhambane a gradual resistência a esta política de cooperativas e o seu fracasso, deveram-se fundamentalmente ao facto de esse processo não ter sido baseado em iniciativas locais, mas sim ter resultado duma directiva política emanada a partir de Maputo.

2ª Fase (1980 a 1987/89), Período em que as instituições estatais responsáveis pelo sector da pesca, especificamente a responsável pela PPE, a então UDPPE, empreendem acções que visam a reabilitação deste

55 A SEP tinha definido a investigação pesqueira, a formação profissional, a pesca industrial, a pesca de pequena escala e a prestação de serviços ao sector pesqueiro, como as suas principais prioridades para o desenvolvimento pesqueiro.

56 Instituição que devia, dentre muitas outras funções, assegurar o fornecimento de materiais de pesca e outros insumos de produção aos pescadores artesanais e semi-industriais; devia comprar os excedentes de pescado produzidos pelas comunidades pesqueiras através dos CP's; devia introduzir novos métodos e técnicas de pesca junto dessas comunidades estabelecer serviços de manutenção, reparação, construção de embarcações de pesca e promover a organização dos pescadores em associações.

57 DONATO, 1991:10.



sub-sector da pesca, fundamentalmente da pesca artesanal, usando como estratégia os já referidos CP's.

3ª Fase, a do PRE, que vai ser marcada pela extinção da UDPPE e a criação do Instituto de Desenvolvimento de Pesca de Pequena Escala (IDPPE) que, através de acções de formação, extensão e outras, deverá promover o desenvolvimento da PPE, de modo a que as comunidades de pescadores se enquadrem na nova política económica virada essencialmente para o mercado.

Contudo nota-se que em Inhassoro há uma certa dificuldade de acompanhamento da actividade da PPE no geral e especificamente da pesca artesanal, agravada pelo facto de o IDPPE não estar representado naquela Província de Inhamabane e de o CP de Vilanculos estar a virar as suas atenções apenas para a comercialização do pescado.

Como consequência deste facto verifica-se, um certo isolamento dos pescadores de Inhassoro, especialmente os artesanais. O isolamento a que estão votados estes pescadores artesanais, não lhes permite conhecer sequer a legislação sobre a pesca e deixa-os desprotegidos e sem formas de solicitarem ajuda e ou reclamar sobre qualquer anomalia a quem de direito em caso de necessidade.

Entretanto, os pescadores conscientes da importância da defesa dos recursos pesqueiros, decidiram introduzir em 1990, pela segunda vez em Inhassoro, a veda cuja duração foi alargada para três (3) meses. Já em 1993 e durante o presente ano, por imposição dos pescadores semi-industrias, a veda foi alargada para quatro(4) meses.

Os dados estatísticos apresentados nas tabelas 3 e 4 em anexo, mostram-nos também uma grande predominância de chatas e lanchas, cuja propulsão principal, segundo Falcão, é o remo (64.0 %), seguido de vela (31.0 %) e motor (5.0 %) <sup>58</sup>.

---

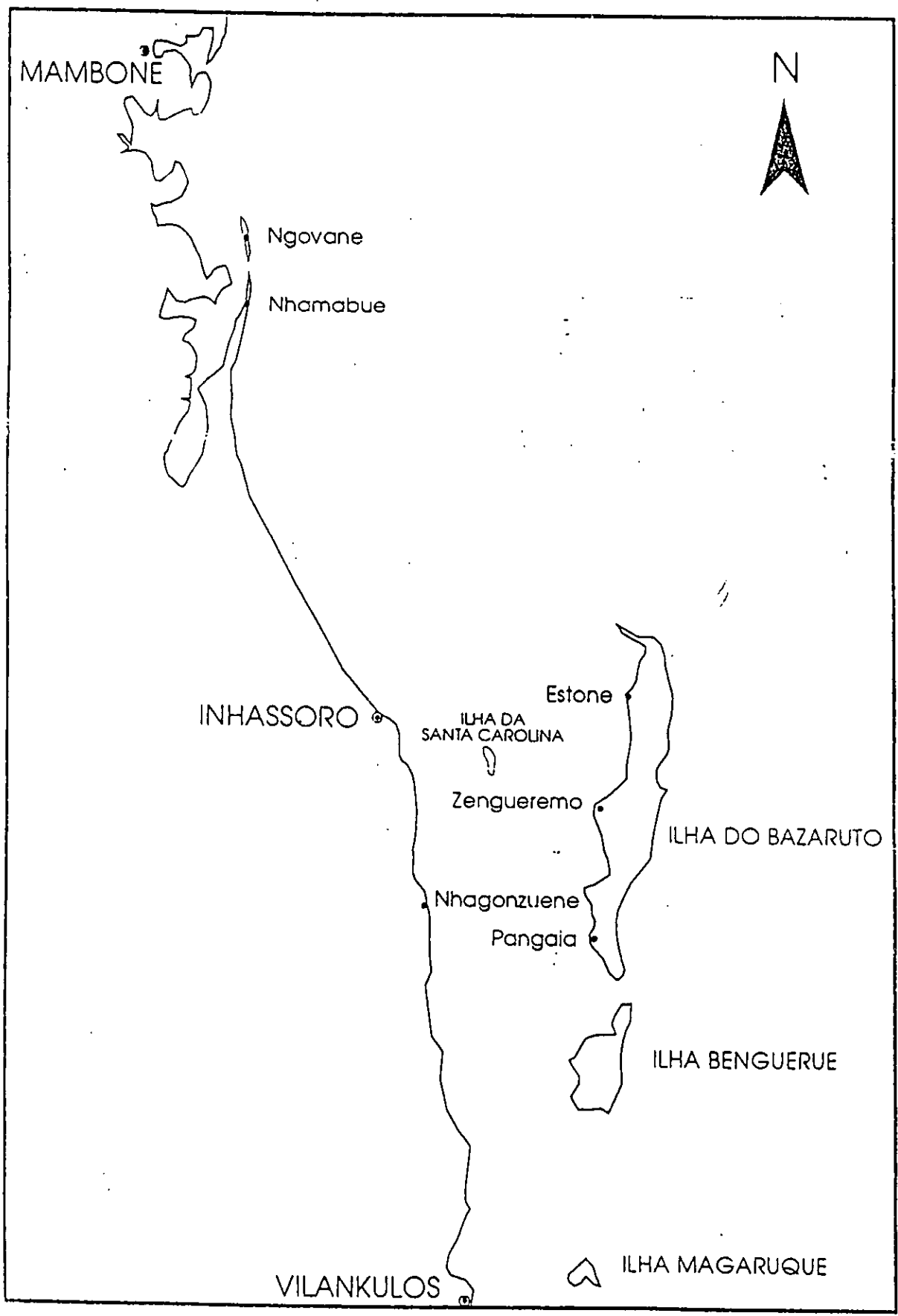
58. FALCÃO, 1993:17-18.

Estes dados vêm ainda sustentar a nossa tese, segundo a qual os ritos e cultos mágico-religiosos ligados à pesca artesanal em Inhassoro, poderão estar ligados à necessidade, por parte dos pescadores, de ganhar moral e confiança para enfrentar as adversidades que o mar apresenta, pois navegar a remos e a vela, foi desde sempre mais perigoso do que utilizar motores.

Por outro lado, estes dados são reveladores das dificuldades financeiras, actualmente enfrentadas pela maioria dos pescadores artesanais de Inhassoro, de adquirir materiais de pesca sofisticados e / ou adequados, necessários para suprir as dificuldades originadas pela crescente pressão sobre os recursos, devido ao aumento natural do número de pescadores naquela região.

É neste quadro desta evolução política, social, económica e histórica que procuramos enquadrar a nossa análise principal deste tema, tentando, na medida do possível, contextualizar historicamente as informações adquiridas no acto de investigação no terreno.

MAPA DA COSTA SOBRE O QUAL INCIDIU O ESTUDO



## CAPÍTULO V: ANÁLISE DA PROBLEMÁTICA

### 5.1. Breve introdução

"África está cheia de indivíduos que mantêm relações com a esfera transcendente das forças impessoais e dos espíritos personalizados"<sup>59</sup>.

À esta posição de Polonah, é preciso referir que, não só em África existe a religião e, muito menos, somente em África os homens mantêm relações com "a esfera transcendental...dos espíritos personalizados", pois em todo os continentes, todos os povos têm os seus ritos e os praticam de diversas maneiras, p.ex., o casamento, a refeição, a bruxaria, o feitiço, etc.

Junod refere que, nas sociedades não europeias em geral, que ele numa visão eurocentrista chama de povos primitivos, "a religião, a magia, os mitos, a moralidade e o tabú aparecem bastante difusos e quase todos eles confundidos nos ritos, razão pela qual, de facto, se mostra particularmente difícil não tanto compreender os objectivos dessas manifestações, mas sim, distingui-las"<sup>60</sup>.

Mas antes de tratarmos de questões especificamente ligadas a este ponto, gostaríamos de deixar claro que nada de novo iremos dizer sobre o assunto, mas sim trazer algo de diferente em termos de circunstância em que ocorrem os factos constatados, numa comunidade tradicional tipicamente pesqueira.

A área de Inhassoro encontra-se dividida em duas zonas, isto em termos de influência espiritual e político-tradicional de indivíduos considerados donos de terras e das águas:

A Zona do interior, que está sob influência de indivíduos provenientes de Vilanculos, com destaque para a família Chibalo, onde

---

59 POLANAH, 1987: 113.

60 JUNOD, 1946:275.

nasceram os grandes chefes tradicionais da zona do interior desta região. Estes indivíduos, que foram trazidos de Vilanculos e nomeados directamente pelos portugueses, são conhecidos localmente como **tihossi**<sup>61</sup> e, possuem poderes políticos e espirituais reconhecidos apenas para a questão de terras e chuva no interior do Distrito de Inhassoro.

De destacar que apesar de estes **tihossi** num determinado período histórico terem sido impostos pelo governo colonial, actualmente estão legitimizados e o seu poder em relação às zonas do interior é reconhecido por todos, até mesmo pelos **Vatsongas** da costa. Entretanto, segundo dados por nós recolhidos, eles não podem e nem devem dirigir ou imiscuir-se nas cerimónias tradicionais da zona costeira, i.e., nos assuntos tradicionais ligados ao mar e à pesca.

A **Zona Costeira**, sob influência dos **Vatsongas**, indivíduos que se intitulam fundadores daquela região. Representados pela família **Manga** e / ou **Dzivane**<sup>62</sup> que, segundo dados obtidos, foram preteridos pelo governo Português na governação da "sua região" por se terem recusado recensear-se e escolher um régulo para a região de Inhassoro, com base no pressuposto de que "**Ndili Muzungu Pamuzi Pangu**"<sup>63</sup>.

Pode-se dizer que a posição assumida pelos **Vatsongas** significou a recusa de uma nova organização política e social imposta pelo colonialismo português nas suas zonas de influência, pois cada família considera-se chefe da sua zona de influência e, deste modo na sua óptica não fazia sentido possuírem um chefe máximo.

É esta zona, subdividida em norte e sul, constituída por famílias

---

61 O mesmo que chefe tradicional.

62 Numa primeira fase estas famílias constituíam uma mesma, a Manga. Mas devido à necessidade de, num determinado período histórico, realizarem casamentos entre si e reforçado pelas guerras Nguni no séc.XIX (que levou uma parte dessa família a refugiar-se para a ilha do Bazaruto onde se denominaram Dzivane, i.e., terra fechada ao exterior), verificou-se a segmentação da linhagem em duas, mas mantendo as mesmas raízes culturais.

63 Que em português significa "sou branco ou chefe na minha própria casa".

de descendentes dos primeiros Vatsongas<sup>64</sup> que chegaram àquela região em tempos muito remotos e cuja actividade principal é a pesca, que merecerá a nossa maior atenção no nosso estudo.

**Zona Norte:** sob influência dos netos das famílias Chambane, Mafume, Mandane e Mutundo, por casamento com as filhas da família Manga / Dzivane e cujos espíritos principais são Khombacurivala, Malossa, Benengo, Thovela e Majoho.

**Zona Sul:** sob influência dos descendentes directos dos Manga e / ou Dzivane, cujos espíritos principais evocados são, Muchondi, Tavende e Zava.

Estas famílias, autorizam, através de cerimónias de evocação dos seus antepassados, a exploração das zonas sob sua influência espiritual por outros pescadores que pretendam desenvolver as suas actividades nas mesmas.

É ainda junto destas famílias que, todos os pescadores que se acham sob algum infortúnio, se dirigem e pedem a sua bênção. No seio destas famílias se encontra(m) o(s) espírito(s) protector(es) qualificado(s), aliado(s) ou ancestral(is), o(s) qual(is) é (são) venerado(s) sob forma de culto.

É neste quadro que tentamos trazer à luz alguns aspectos que se podem considerar crenças mágico-tradicionais ligadas à PPE em Inhassoro os quais, a julgar pelas informações fornecidas, são ainda respeitadas, mesmo que de forma um tanto ou quanto discreta a partir de 1975, por razões políticas, pois acreditam que são o segredo essencial para a sua actividade económica e mesmo para as suas vidas particulares.

---

<sup>64</sup> Antepassados cujos espíritos (psicuembos) são objectos de adoração religiosa pela maioria dos pescadores artesanais de Inhassoro.

## 5.2. Principais crenças e práticas mágico-religiosas

### 5.2.1. A mulher e a pesca artesanal

"Constratando com a situação da maior parte dos países do terceiro mundo, as mulheres em Moçambique não têm um papel tão significativo, quer nas actividades da pesca, quer nas actividades a ela conexas (reparação de redes, processamento e comercialização), sendo a sua actividade principal a agricultura"<sup>65</sup>.

De acordo com Rafael da Conceição, citado por Donato, o papel da Mulher nas comunidades pesqueiras em Moçambique varia de lugar para lugar, "resultado de uma dinâmica interna à sociedade ou à comunidade inteira, no contexto da passagem de uma economia de subsistência para uma economia de mercado"<sup>66</sup>.

Para o caso de Inhassoro, a abstenção da mulher na actividade pesqueira é resultado das crenças e hábitos seculares que emanam daquela comunidade de pescadores em relação ao papel da mulher na sua sociedade e que resultaram na divisão sexual do trabalho que hoje se verifica naquela região.

De facto, a maioria dos pescadores de Inhassoro "recusa-se a pensar" numa participação activa da mulher na actividade de produção pesqueira, alegando que esta posição constitui um legado dos seus antepassados e caso o ignorem correrão riscos de vida no alto mar.

"A mulher foi destinada para cuidar do lar e praticar a agricultura devido à sua própria natureza, ligada com o ciclo menstrual, que não se dá com os espíritos do mar"<sup>67</sup>.

Outros referem-se à proibição da mulher na actividade produtiva pesqueira como uma prática secular sobre a qual nunca receberam nenhuma

---

65. DONATO, 1993:18.

66. Cf. DONATO, 1993:19.

67 António Aikon (Midjo), pescador artesanal de renome na região, com cerca de 55 anos de idade.

explicação e era-lhes proibido procurar saber dos motivos. Por isso apenas sabem que devem pô-la em prática, apenas isso, como forma de respeitar os seus antepassados que eles acreditam serem melhores conhecedores da natureza.

Ainda a este respeito, um pescador<sup>68</sup> afirmou que por volta de 1950 um indivíduo de origem indiana, chamado **Domola**, utilizava as suas quatro esposas na actividade de pesca e o resultado foi sair de Inhassoro mais pobre do que quando chegou, porque "**na pesca as mulheres dão azar**" - disse o referido pescador.

Outros pescadores afirmaram ainda que, a mulher não pode praticar esta actividade porque ela é muito exaustiva e perigosa e levaria a que a mulher, cansada pela jornada da pesca, não cumprisse com outras tarefas que lhe são peculiares (cozinhar para a família e outras actividades domésticas).

Quanto a nós, as duas anteriores posições poderão estar relacionadas com as seguintes constatações:

**Primeiro:** o mar que banha a região de Inhassoro, relativamente ao das regiões de Vilanculo e Nova Mambone, mostra-se mais violento e bastante profundo, mesmo durante as marés mortas, tornando-se perigoso para as mulheres que, nas outras regiões já referidas praticam a pesca em locais muito próximos das margens.

**Segundo:** o tipo de pesca praticada em Inhassoro, arrasto manual para a praia, em comparação ainda com a praticada em Vilanculo e Nova Mambone, é muito mais exaustivo e prolongado, com uma técnica que se apresenta bastante penosa para as mulheres<sup>69</sup>.

Talvez esse seja um dos motivos porque em Inhassoro pois, desde

---

<sup>68</sup> António Magalhães, pescador semi-industrial, possuindo também meios artesanais e proprietário de moageiras e de alguns tractores.

<sup>69</sup> Enquanto em Vilanculo e Nova Mambone, a rede é atirada no máximo a uma distância de 500 metros e puxada durante um máximo de duas horas e meia, em Inhassoro ela é atirada a uma distância mínima de 2000 metros e é puxada com paus colocados nas costas das pessoas (dois a dois) e realizada num mínimo de quatro horas e meia bastante exaustivas



sempre, a pesca foi interdita às mulheres, e quanto a nós não tanto por questões culturais, mas sim ligadas à natureza do próprio trabalho que originou assim uma divisão de trabalho rígida naquela comunidade.

Um dos pescadores mais idoso por nós contactado, referiu-se a esta questão como estando ligada às condições das canoas que na sua óptica, "foram concebidas somente para homens, visto não possuem condições, p.ex., retretes, para comportar indivíduos de sexos opostos durante longas horas, como a actividade da pesca exige"<sup>70</sup>. Este factor também pode estar mais perto duma explicação mais real para esta atitude secular, tomada pelas comunidades de pescadores artesanais em relação à participação da mulher na pesca, visto que quando se trata de travessias, que em geral requerem menos tempo no alto mar, já não se observam essas atitudes.

Esta ideia pode ainda ser reforçado, por um lado, pelo facto de nas embarcações semi-industrias e industrias, que possuem casas de banho e retretes, às mulheres é permitido praticar esta actividade.

### 5.2.2. A morte e a pesca artesanal

Nesta comunidade, especialmente no seio do grupo dos pescadores artesanais entrevistados, a morte dificilmente é vista como um acontecimento natural, sendo quase sempre atribuída às forças transcendentais do mal, i.e., aos feiticeiros ou **valoyi**.

Por isso, em caso de morte em casa de um determinado pescador, após o funeral, estes partem um ramo de uma árvore chamada **lhamba-ndzaka**<sup>71</sup> com o qual se "deverá purificar" a embarcação e as redes pertencentes à família directa do defunto.

Durante esta cerimónia, roga-se (veja a citação abaixo) aos

---

<sup>70</sup> Domola, pescador artesanal.

<sup>71</sup> Cujo significado é lavar ou limpar a sujidade.

espíritos protectores da família no sentido de procurarem a todo custo evitar que os seus aprestos de pesca e o resto da família, sejam atingidos pelos malefícios enviados pelos feiticeiros **valoyi**.

"Tive um falecimento, acabo de voltar agora do cemitério onde fui deixar o malgrado, contudo não se assustem e continuem a lutar por mim e minha família contra todos os males e azares que se abaterem sobre mim e minha família."<sup>72</sup>

Esta prática foi ainda referida por muitos outros pescadores por nós contactados que, afirmam que caso a família visada não observe este procedimento, poderá incorrer em azares que consistem em dias consecutivos sem conseguir pescar, ser arrastado para muito longe por ondas misteriosas ou mesmo destruição por fogos nocturnos e misteriosos de embarcações e redes.

Junod também se refere a um tipo de purificação colectiva semelhante, nas comunidades tongas do sul de Moçambique por ele estudadas, onde **lhamba-ndzaca** é utilizado principalmente nas cerimónias de luto, quando após o cumprimento das normas a ela relativos, a comunidade regressa ao seu povoado<sup>73</sup>.

Entretanto, é de referir que a morte de nenhuma forma implica uma interrupção colectiva da actividade pesqueira na região, nem mesmo com a morte do chefe espiritual e dono de um determinado local de pesca. Exceptuam-se naturalmente os familiares directos do defunto que devem interromper por 30 dias a sua actividade.

Já na actividade agrícola, a morte de um indivíduo obriga a todos os residentes da área a observarem uma interrupção na prática dessa actividade por um período de 3 dias; se fôr por morte de um chefe tradicional (**hossi**) a interrupção por luto é alargada para cinco (5) a

---

<sup>72</sup> António Aikon, também conhecido localmente por Midjo.

<sup>73</sup> Cf. JUNOD, 1944:340.



seis (6) dias.

Pensamos que esta prática na agricultura deve estar relacionada com a ideia de terra que, constitui afinal o local onde se vai depositar o corpo humano. No entanto, esta é apenas uma hipótese que colocamos, mas que não foi devidamente investigado.

### 5.2.3. Outros mitos e crenças ligadas à pesca artesanal

A maior parte dos pescadores entrevistados acredita ainda que, após uma boa pescaria, não se deve deitar de novo ao mar o peixe considerado lixo, pois para além desse gesto impossibilitar que as populações que não possuem meios para sobreviverem e dele muito necessitarem possam ter acesso a ele, é contrário às regras e normas mais antigas conhecidas por quase todos e muito exigidas pelos espíritos do mar e pelos chefes tradicionais dos diferentes locais de pesca da região.

Os pescadores mais idosos, chegaram a afirmar que a nova vaga de pescadores, ao proibir que crianças órfãs de pais apanhem esse peixe, preferindo devolvê-lo ao mar, exasperam os espíritos dos antepassados. "É por isso que hoje em dia é difícil viver da pesca, principalmente para esta camada de pescadores que não respeita a sua própria tradição" - disseram eles.

Os pescadores de Inhassoro, acreditam também na existência de deuses ou espíritos do mar que obrigam à observância de determinadas normas tradicionais. O mais referido é o Njongi, espírito do mar tido como pertencente aos Vatsongas do Bazaruto, que dentre outros aspectos não admite discussões e ou zangas dos tripulantes em pleno alto mar sob o risco de a embarcação virar e / ou não se conseguir pescar absolutamente nada.

Pensamos que por detrás desta crença, bastante antiga, sempre houve por parte dos mais velhos, uma preocupação em manter uma certa

disciplina e respeito hierárquico durante a actividade da pesca no alto mar, por forma não só a garantir uma certa produtividade, mas também a evitar-se situações, difíceis que a própria característica do mar permite (os membros da tripulação podiam até atirar-se uns aos outros ao mar por causa de desavenças).

Para além deste aspecto, tanto o **Njonji** como o **Nwamunhame**, outro espírito do mar bastante temido no seio dos pescadores de Inhassoro pela "sua fúria destruidora", fazem com que qualquer tripulação de qualquer tipo de embarcação que se faz ao mar, seja de pesca ou de transporte, leve sempre consigo para deitar ao mar, um pouco de comida (**upswa**) e bebida (**nipa**), como forma de venerar estes espíritos.

Há ainda referências sobre a existência de um pássaro, conhecido localmente por **cibwerere** ou **capitão do mar** (devido à sua preferência em dormir dentro das embarcações), que aparece nas margens a saltitar com uma só perna de forma cómica.

Segundo a mitologia dos pescadores de Inhassoro, à este pássaro é proibido apontar-lho, enxotar-lho ou rir do seu andar cómico, pois se isso acontecer, ou a embarcação será arrastada para muito longe por um temporal (dirigido ao precavicador pelos espíritos), ou o referido pescador fica com o rosto e / ou a boca deformada para toda a vida, ou ainda a referida embarcação dificilmente conseguirá bons níveis de produção.

Pensamos que esta crença, pode ter resultado duma tentativa de protecção à referida ave, pela admiração e respeito que num determinado período histórico, este terá causado no seio dos pescadores artesanais que, desprovidos de aparelhos propícios para a actividade da pesca, notaram a importância que a mesma tinha ao relacionarem o seu aparecimento coincidente com a variação das marés<sup>74</sup>. Segundo os

---

<sup>74</sup> Sabido que é que as marés constituem o fim ou início de uma jornada de pesca.

pescadores contactados, os seus cânticos anunciam o momento exacto da mudança duma maré.

Os pescadores de Inhassoro referem-se ainda a aspectos de índole tradicional a observar em várias zonas de pesca no distrito de Inhassoro, caso do relatado por António de Oliveira<sup>75</sup> que, afirma que em Ngovane e Lingamo (a norte do distrito) é proibido fazer necessidades menores virado para o norte, pois os espíritos locais não gostam, visto que essa atitude pode estragar a pescaria. "Caso alguém, que seja pescador e conhecedor das normas transgrida as mesmas, poderá, de repente, ver o seu acampamento emergido em águas e rodeado de macacos" - afirmou a nossa fonte.

Até certo ponto, pode-se dizer que a crença acima referida, poderá estar relacionada com a necessidade secular de criar mecanismos de preservação e de respeito pelo meio ambiente, neste caso o mar, local que aliás para esta comunidade deste há muito tem sido praticamente a base da sua sobrevivência.

Caso o nosso raciocínio esteja correcto, então pode-se afirmar que a preocupação de preservação ambiental não é muito recente, o que aliás muitas outras tradições demonstram, não só de pescadores, mas também de agricultores.

Ainda em Lingamo, refere-se que não se deve tirar "magajojo" (Holotúria) sem primeiro pedir autorização aos donos da região (entenda-se da pesca), sob pena de não se conseguir alcançar os objectivos pretendidos. Estes chefes tradicionais, são referidos como possuindo no seu corpo, espíritos dos seus antepassados que lhes conferem poderes sobrenaturais para abortar os objectivos de quem não respeita as normas tradicionais estabelecidas.

De acordo com Tucker, este tipo de raciocínio deve-se

---

<sup>75</sup> Pescador semi-industrial, de cerca de 50 anos de idade.

fundamentalmente á própria característica do pensamento mítico, que é algo, que por natureza é interior, é apreendido como exterior, que um drama da vida interna do homem é experimentado e retratado como tendo lugar no mundo externo<sup>76</sup>

Molingane, é outra zona mais a norte do distrito bastante referida pelos pescadores como uma das que mais aspectos tradicionais apresenta. Afirma-se que naquela região os pescadores apenas devem pescar numa determinada área (nem mais um metro) previamente autorizada pelo respectivo "dono" da área e é proibido insultar alguém enquanto se permanecer dentro da referida zona de pesca.

Referiram também casos de pescadores que desapareceram (não precisam a época em que isso aconteceu) levados pelas águas, por desrespeito à essas regras tradicionais. Pensamos que esta crença é o resultado da necessidade, também secular, que esta comunidade tem de perservar os recursos marítimos e os valores morais.

Os capitães das embarcações, na sua qualidade de responsáveis pelo sucesso ou fracasso das actividades da pesca e das embarcações, "**sabem moral e tradicionalmente**" e são instruídos também pelos seus curandeiros que, devem levar consigo bebidas alcoólicas (que eles dizem espirituais), como **nipa**, numa pequena garrafa que, posteriormente partem, sempre na proa<sup>77</sup>, de modo que ela funcione como olho e atractivo de pescado para a embarcação.

Esta prática que, na sua quase totalidade os pescadores entrevistados afirmam respeitar, acredita-se, ser funcional, visto se estar a dar de comer e beber aos espíritos do mar. Assim estes transformarão os pedidos dos pescadores em realidade.

Estas crenças, se justificam tendo em conta que, "**os homens**

---

76 TUCKER, 1963:243.

77 Parte frontal de uma embarcação.

povoaram o universo com seres e poderes invisíveis, entrelaçaram cálculos míticos de acontecimentos antigos e maravilhosos, criaram elaborados rituais que, para a vida humana prosperar, têm que ser representados correctamente..."<sup>78</sup>.

Entretanto, é preciso referir que a crença e a prática destes ritos e / ou costumes tradicionais, varia segundo a faixa etária do pescador ou proprietário da embarcação, isto em quase todas zonas estudadas, pois os indivíduos idosos continuam a praticá-las e a defender que só a sua observância poderá salvar a situação difícil que os pescadores atravessam, enquanto os mais jovens, esses, mantêm muitas reservas quanto à eficácia das mesmas.

### 5.3. Tipo e motivos de alguns cultos Ligadas à PPE

Os cultos ligados à pesca em Inhassoro, tal como foi constatado por Junod no seu estudo sobre o comportamento das tribos bantu da África do Sul<sup>79</sup>, não são de modo nenhum arbitrários. Antes pelo contrário, regem-se por princípios e normas sociais bem definidos e socialmente aceites e respeitados por quase toda a comunidade de pescadores, sobretudo os artesanais.

Segundo informações por nós obtidas, existem certos rituais que são praticados pelos pescadores, "respeitadores da tradição" que, hoje constituem o esteio dos pescadores de Inhassoro. Estes, observam-nos para o bem da sua actividade pesqueira.

a) Muchenque, é uma prática que se consubstancia num pedido de licença para pescar numa determinada área desconhecida, de modo a evitar problemas com os respectivos defuntos / espíritos que, deste modo irão abençoar a actividade do pescador reconhecendo-o e legitimizando-o na

---

78 LUNDIN, 199:336.

79 Cf. JUNOD, 1946:347.

medida em que ele (o pescador) também reconhece que eles existem e são os donos da área.

De acordo ainda com os dados obtidos, esta prática ainda hoje é observada e, consiste em lançar determinadas sementes, como milho, mexoeira, amendoim e feijão para o mato junto à costa que se pretende explorar, gesto este que é visto como sendo de alimentação aos referidos espíritos.

A utilização destes grãos de plantas, leva-nos a pensar que há uma certa crença no seio daquela comunidade segundo a qual aquelas plantas têm virtudes úteis para a pesca, mas ocultas e se não forem devidamente observadas podem ser nocivas ao pescador, sobretudo o artesanal.

b) Kuhalha<sup>80</sup>, é uma cerimónia de evocação periódica aos espíritos dos donos dos locais de pesca onde se localiza um determinado acampamento<sup>81</sup> de pesca, entretanto assolado pelos azares.

Nesta cerimónia, os Vatsongas, oferecendo gêneros alimentícios aos seus tinguluvi<sup>82</sup>, acreditam que irão obter a bênção que os permitirá aumentar a produção pesqueira do acampamento, pois os espíritos ficarão satisfeitos ao verificarem que os seus "netos" descendentes não se esqueceram deles.

Curiosamente, este tipo de cerimónias que para as comunidades tsongas estudadas por Junod não é mais do que "palhar num mhamba"<sup>83</sup>, são na sua maioria solicitadas e organizadas pelos capitães das embarcações e responsáveis dos acampamentos e não pelos donos dos mesmos, cuja intervenção apenas se circunscreve à disponibilização de fundos ou produtos necessários para a referida cerimónia.

---

80 O mesmo que Kopalha, ou seja, um acto ou forma de se dirigir ou entrar em contacto com os antepassados.

81 Ver IDPPE, 1994: 32, onde se considera acampamento a uma barraca ou conjunto de barracas, servindo de armazém e ou dormitórios para pescadores prestarem serviços a uma pessoa colectiva ou singular.

82 Espíritos protectores.

83 Cf. JUNOD, 1946:392.



Para a realização destas cerimónias, numa 1ª fase, apenas é necessário disponibilizar bebida, **nipa** (referem ser bebida de poder tardicional), **sura** ou vinho, na medida em que ela visa solicitar ajuda para adquirir caril (referência ao peixe).

Sòmente no dia seguinte, após o regresso da primeira pescaria, ao fazer-se a segunda cerimónia para celebrar os resultados, se introduzem produtos alimentícios tais como carne de cabrito, galinhas, peixe e **upswa** (papa de milho), todos sem sal, e rapé "**para os defuntos fumarem**" - disseram.

Acredita-se que a carne destes animais, tal como as sementes anteriormente referidas e as plantas (das quais falamos no capítulo V), possuem poderes ocultos, manobráveis e superiores aos dos seres humanos. É por isso que são preferidos pelos mortos, seus antepassados.

Não foi possível apurar os motivos consistentes, pelos quais é proibido adicionar sal à comida destinada às cerimónias tradicionais, ficando-se sempre em respostas vagas e inconsistentes como :

"porque deve ser assim", "porque sempre foi assim", "assim nos ensinaram e mesmo se pergutássemos os motivos", diziam-nos "façam desta maneira porque a natureza assim o exige", "porque os defuntos não gostam do sal, visto ser também utilizado pelos feiticeiros", etc."

Talvez por este motivo até aos nossos dias não é permitida à mulher menstruada salgar a comida, fazer bolos, etc, e ao jovem recém-iniciado não é permitido comer comida salgada.

Entretanto, quanto a nós, esta prática tem relação com o hábito tão secular de todas sociedades africanas do interior que não conheciam a prática de utilização do sal (introduzida em determinadas zonas no período de penetração colonial a partir do séc.XVI).

Os chefes tradicionais ou responsáveis espirituais pelas águas na região de Inhassoro, são em geral os dirigentes dessas cerminónias, sob orientação dos curandeiros ou **tinyanga** (médicos tradicionais) que são os

que possuem capacidades, em termos de conhecimentos esotéricos relacionados com essas práticas tradicionais, para entrar em contacto com os defuntos e saberem aquilo que o seu descendente deve ou não fazer durante a cerimónia para o bem dos pescadores sobre a sua influência espiritual.

É obrigação dos pescadores beneficiados fornecerem esporadicamente, uma quantidade de pescado aos seus protectores espirituais, como forma de reconhecimento do seu poder e autoridade.

Um descendente legítimo dos Mangas da zona norte, por nós contactado, referiu-se a um acontecimento que se verificou em tempos recentes, quando um determinado pescador construiu uma embarcação e a meteu a navegar sem o ter informado tendo no dia seguinte constatado que o barco se havia queimado juntamente com as suas redes.

Segundo o entrevistado, as autoridades políticas locais tentaram culpá-lo do sucedido acusando-o de ter provocado o incêndio como forma de reclamar a sua legitimidade e poder sobre o local.

Mas, como ele afirmou, acontece que nem sabia sequer da existência desse pescador no seu território, na medida em que havia pouco tempo que se tinha fixado na região. Mas como sabia das regras e não as cumpriu foi castigado pelos espíritos.

c) Mhamba<sup>84</sup>, Cerimónia de invocação dos espíritos da família do dono das embarcações e redes de pesca, sendo realizada em casa deste.

Segundo os dados resultantes da nossa pesquisa, estas cerimónias apenas se realizam quando estritamente necessárias, sendo sinal para tal as doenças constantes no seio da família, pouca produtividade na pesca, etc<sup>85</sup>.

---

<sup>84</sup> Com base nos dados obtidos, esta palavra significa todo o acto cerimonial tradicional dos que estão vivos com objectivo último de entrar em contacto com os seus antepassados ou *tinguluvi* a solicitar protecção ou apoio.

<sup>85</sup> Note-se que nesta comunidade de pescadores artesanais, a morte ou desaire na sua actividade dificilmente é aceite como algo natural, atribuindo-se quase sempre à fúria dos seus *tinguluvi* (protectores) e ou aos *valoyi* (feticheiros).

Como já nos referimos atrás, elas são orientadas tècnicamente pelos médicos tradicionais ou *tinyanga* para tal contactados e visam "acabar com a fome e sede" dos antepassados que, entretanto aproveitarão para dar as suas directivas para o seu "neto" de modo a assegurar um bom período de pesca.

Regra geral, durante as referidas cerimónias, os membros da família, formam um círculo e juntos fazem a seguinte petição aos seus espíritos ou defuntos protectores:

"papá (e / ou vovô), aqui está o meu barco e a minha rede, ajude(m)-me a ter sorte; você(s) têm melhores olhos que eu, tanto para ver o peixe na água como para evitar azares"<sup>86</sup>.

Pensamos que esta é uma crença de que, expressando o desejo junto do antepassado, a vontade será feita desde que se obedçam as regras estabelecidas. Após a cerimónia, aparentemente o pescador artesanal adquire a moral de que necessita para desenvolver a sua actividade e assim reforçar a reprodução social.

d) Mpalho ya ti hossi, *mhamba* de empossamento e reconhecimento de um régulo ou *hossi* de terras e das chuvas, de modo a que possua poderes suficientes para o bem da população sob sua influência.

É uma cerimónia muito esporádica, porque apenas se realiza aquando da investidura de um "hossi", ou quando as populações locais, fundamentalmente os camponeses, notam que o seu esforço não tem tido resultados satisfatórios por culpa dos problemas do seu protector que, possuindo conflitos com os seus defuntos, optam por dificultar a vida de todos os que estão sob sua influência.

Não iremos debruçar-nos muito sobre este tipo de ritual, visto ele fazer parte duma zona não pesqueira, mas apenas referir que se reveste de uma grande importância social para a vida daquela região. Para a sua realização é necessária uma garrafa de *nipa*, uma nota de cem meticais,

---

<sup>86</sup> André Tomo Nhatsile, curandeiro de profissão.

um lenço branco e a participação de toda a população da região de influência desse régulo, incluindo os pescadores.

e) Mpalho wa mb'imbe, É uma *mhamba* dirigida especificamente para embarcações e artes de pesca (neste caso redes e gamboas), i.e., é uma cerimónia exclusivamente ligada à actividade pesqueira.

Esta cerimónia, que não é de carácter individual, visa "dar sorte" aos barcos e artes de pesca de todos os pescadores da região. Consiste em tratamentos tradicionais contra qualquer tipo de *matsoho*<sup>87</sup> e na tentativa de convencer os espíritos dos pescadores abrangidos e os dos seus representantes a não abandonarem sob nenhum pretexto, "os seus filhos".

Típica do período de reabertura da época de pesca, depois do defeso<sup>88</sup>, o mais idoso da família Manga ou Dzivane dirige este tipo de cerimónia na sua respectiva zona de influência, fazendo *kupalha*<sup>89</sup> em locais específicos denominados *magandzeline*<sup>90</sup> (geralmente de baixo de uma árvore chamada *nkwakwa*), na presença de todos os pescadores interessados que operam nesses lugares..

A referida cerimónia, é assessorada tecnicamente por um médico tradicional ou *nyanga* que, como diz Polanah, actua como porta-voz de dois mundos: o dos viventes com os seus mortos; embaixador destes junto aos antepassados-deuses e outros espíritos divinizados, e oráculos destes perante a comunidade dos vivos<sup>91</sup>.

Sempre acompanhado do representante legítimo e mais idoso Manga da região onde se realiza a cerimónia, este *nyanga* ou médico tradicional,

---

87 Magias utilizadas pelos pescadores, uns contra os outros, movidos por inveja e ou ambição.

88 O mesmo que veda, i.e., interrupção periódica da actividade pesqueira, para a recuperação biológica dos recursos. Em Inhassoro decorre durante quatro meses, entre Maio e Agosto de cada ano.

89 Cerimónia de evocação dos antepassados, através de oferendas (comida e bebida), e onde se fazem petições à essas "forças transcendentais".

90 Local específico de realização de cerimónias mágico-religiosas.

91 Cf. POLANAH, 1987:82.

deverá durante a cerimónia, evocar os espíritos mais importantes dos Manga. São requisitos fundamentais exigidos para a sua realização, todo tipo de bebidas tradicionais (uputsu, nipa, ucema, sura e maheu), upswa e peixe sem sal.

Ainda durante a cerimónias, é colocada nas bóias das extremidades das artes de pesca uma raiz chamada **cipico** que, segundo as informações que nos foram facultadas, serve para chamar ou atrair o pescado para a rede, em grande quantidade. Esta raiz, segundo o que nos foi informado pelos médicos tradicionais ou **tinyanga**, é bastante solicitada pelos pescadores.

Ainda segundo estes médicos tradicionais, mesmo os ditos "pescadores ricos" os têm procurado, apesar de não o admitirem publicamente (foram citados nomes de alguns que, entretanto haviam recusado conversar connosco alegando que não sabiam sequer da existência desses aspectos).

Pensamos que esta atitude dos pescadores com "status social e económico" estável, deve-se, fundamentalmente, aos discursos de desvalorização, desencorajamento e até de repressão da cultura local, emanadas pelo governo logo após a independência que, chegou a responsabilizar a educação tradicional como sendo "responsável pela incapacidade de raciocínio e de iniciativa do homem"<sup>92</sup>.

#### 5.4. Tipos de raízes usados nos cultos mágico-religiosos

Para as cerimónias tradicionais já referidas, mhambas e Kuhalha, são regra geral usados os seguintes tipos de raízes<sup>93</sup>:

---

92 Cf. MACHIEL, 1975:12.

93 Não nos foi possível apurar os seus nomes científicos e a sua origem.

\* **Pakama e Licoca**<sup>94</sup>, misturados com a água do mar servem como medicamento neutralizante, para sanar algumas "magias tradicionais" referidas como **Matsohos**. Para o efeito, aplica-se um banho ao indivíduo supostamente afectado ou às embarcações e redes que se considerem estar sob efeito maléfico do **matsoho**.

\* **Npetsa**, raiz que é utilizada para chamar e rogar os **tinguluvi** da família, para a devida protecção permanente dessa família.

\* **Mab'ophe**, tem como função chamar de volta e acalmar os defuntos ou espíritos protectores do pescador, mas que por um motivo qualquer (p.e., a falta de sua evoção através de uma missa durante muitos anos) optou por o largar à sua sorte.

\* **Cirivariva**, serve para fazer esquecer ao pescador que tenha a intenção de fazer mal a outrém dessa preocupação e / ou necessidade.

{\* **Nzivata**, é usada para casos em que um pescador, que trazendo os seus **cikwembos**<sup>95</sup> maus, ou que vai com más intenções para uma determinada cerimónia tradicional de outrem, não consiga com eles entrar ou estes não tenham os efeitos por ele desejado.

### 5.5. Os pescadores semi-industriais e as práticas tradicionais

Foram entrevistados 4 pescadores semi-industrias operando no distrito de Inhassoro, dos quais recebemos as seguintes informações:

De facto existem pequenas cerimónias familiares e / ou entre amigos, principalmente no período de reabertura da época de pesca, depois do defeso, mas não se pode dizer que sejam mágico-tradicionais.

"Pelo menos no nosso seio não existe nenhum tipo de prática tradicional e nem nunca recorremos a nenhum tipo de rito

---

<sup>94</sup> Pakama, é parte do galho que segura a fruta do cajueiro na árvore.

Licoca, é a raiz duma planta que cresce junto às margens do mar, chamada na língua local por sisane.

<sup>95</sup> O mesmo que espíritos.

mágico-religioso e ou "tradicional" como suporte para a nossa actividade de pesca" - referem.

Este grupo afirma que grande parte dos pescadores artesanais de Inhassoro acredita e recorre a determinados ritos ou cerimoniais mágico-religiosos para, segundo eles, conseguirem bons resultados na sua actividade, "entretanto, nós não acreditámos nessas práticas" - reafirmam eles.

Um indivíduo por nós contactado defendeu o facto de não acreditar nessas cerimónias argumentado o seguinte:

"Uma vez, porque os meus tripulantes insistiam que não conseguiam pescar quantidades satisfatórias de pescado por falta de observância destas práticas nas minhas embarcações, optei por acompanhá-los ao mar levando connosco 1 litro de vinho, carne e tabaco para os referidos espíritos do mar. Entretanto não conseguimos nem um quilo de peixe sequer. Um outro dia fomos sem nada e conseguimos trazer uma grande quantidade de pescado"<sup>96</sup>.

Defendendo ainda o seu ponto de vista, este continuou o seu raciocínio afirmando que "seguir a tradição faz com que um homem permaneça um atrasado em relação às coisas e ao mundo"<sup>97</sup>, e reforçou a sua posição com um exemplo das interpretações que são feitas em relação à região de Molingane:

"Esta é uma região onde desagua o rio Mambone. Então por lá aparecem muitos animais para beber água e refrescar-se e alguns são desconhecidos e estranhos, sendo por isso que os pescadores os relacionam com questões tradicionais.

Outro aspecto que faz com que o grosso dos pescadores artesanais acredite que esta região está infestada de espíritos, é o facto de eles, navegando contra a corrente numa zona de confluência das águas como aquela, não conseguem a remo navegar com a rapidez que seria de desejar, e atribuem esse facto ao espírito que eles denominam *njoji* que, alegadamente, os teria agarrado por qualquer motivo tradicional".

É de referir que há uma certa divergência de opiniões entre esta

<sup>96</sup> Vitorino Cabrita, proprietário de embarcações de pesca semi-industriais, da empresa de compra e venda de pescado "Organizações Cabrita" e do Hotel Ceta em Inhassoro.

<sup>97</sup> Chamamos atenção para a afirmação idêntica num discurso de Samora Machel em 1975 (cf. MACHEL, 1975:11).

camada social de pescadores, pois se por um lado, os mais idosos<sup>98</sup>, acham que a tradição africana existe e tem uma certa relação com esta actividade económica, por outro temos a considerada nova geração<sup>99</sup> que, jura a pés juntos que a magia africana não existe, ou pelo menos não tem nenhuma influência na (sua) actividade.

Esta nova geração de pescadores semi-industriais, considera ainda, que as cerimónias tradicionais, consistem apenas em manifestações de reconhecimento e respeito àqueles que são a razão da sua existência, os seus antepassados, e também é uma manifestação de respeito por uma ordem social estabelecida. Não acreditam portanto que estas possam influenciar ou determinar o destino das suas actividades económicas.

Esta posição, entretanto, é também contestada pela maioria dos pescadores artesanais e pelos curandeiros ou **tinyanga** que, afirmam que a maioria dos pescadores semi-industrias que se afirmam contrários às práticas tradicionais ou dizem não acreditarem na sua influência na actividade pesqueira são os mais cumpridores das práticas "tradicionais" referidas anteriormente.

Foi citado um dos pescadores semi-industriais mais influentes, órfão de mãe curandeira que muito se havia relacionado com os pescadores. O referido indivíduo, "ainda hoje tem feito cerimónias dentro da cabana onde a mãe atendia os pescadores que a procuravam" - disseram. Infelizmente não foi possível confirmar a veracidade desta informação, visto o citado se ter recusado conversar connosco mal se apercebeu da temática apresentada.

Pensamos que a descrição, muitas vezes pejorativa das práticas religiosas dos africanos como "animismo", "toteísmo" e "feiticismo", esvaziou este grupo social dos seus valores e orgulho pela sua cultura,

---

<sup>98</sup> Casos de António Magalhães e Francisco Oliveira.

<sup>99</sup> Casos do Vitoriano Cabrita, Castigo Lauchand, Maria Lauchand, e outros.



deixando-os um pouco à mercê dos desígnios culturais do ocidente<sup>100</sup>. Sobre este tipo de postura por parte de africanos, Mwalimu Nyerere escreveu:

"De todos os crimes do colonialismo, nenhum foi pior que o de nos fazer crer que carecíamos de cultura própria, ou que a que tínhamos era algo sem valor e do qual nos deveríamos envergonhar, em vez de considerar como fonte de orgulho". (NYERERE, 1973:186)<sup>101</sup>.

#### 5.6. As Práticas tradicionais e a ideologia do Estado moçambicano

Aparentemente, com o advento da independência nacional em 1975, se bem que não se tenha formalizado a sua proibição, as práticas tradicionais, sob a forma de ritos e cerimónias na pesca, começaram a ser vistos como uma atitude de ignorância, fruto de um obscurantismo alimentado pelo colonialismo português.

De facto, a FRELIMO na pessoa do seu líder, afirmou que a fase que se avizinhava era de luta contra "...a recusa do velho, que quer sobreviver, com os seus valores negativos que constituem um peso morto. Ideias velhas, tradicionalistas, tribalistas, regionalistas, racistas. (...)"<sup>102</sup>.

Machel, que quanto a nós violentou (mas com propósitos nobres) os hábitos e costumes locais, referiu ainda que esta nova fase pretende acabar com "...o velho esquema de pensamento, velhos hábitos, velhos costumes, velha cultura obscurantista e supersticiosa". Segundo ele "(...) para o povo moçambicano em geral, não se coloca o problema de romper com a cultura burguesa e imperialista, pois a desconhece. Este grupo, o maior, tem sim que romper com os valores retrógrados da cultura

---

100 Cf. MANHIÇA & SANTANA AFONSO, 1993:14.

101 MANHIÇA & SANTANA AFONSO, 1993:14.

102 Cf. MACHEL, 1979:8.

tradicional-feudal e do obscurantismo religioso"<sup>103</sup>.

Como consequência destes discursos que, quanto a nós, de facto inibiram essas práticas, verifica-se uma espécie de conflito latente entre os pescadores de Inhassoro, sobretudo os mais idosos e conservadores, e o Estado, pois na sua óptica as práticas "tradicionais" contribuíram decisivamente para atingirem a posição e o nível de vida que antes de 1975 possuíam.

Uma personalidade social daquela região referiu-se a este ponto afirmando que "a não observância das práticas mágico-tradicionais após 1975, criou esta instabilidade que hoje se verifica em todos os sectores sócio-económicos do país, incluindo a pesca"<sup>104</sup>.

Este régulo vai ainda mais longe, afirmando que a "instauração dos grupos dinamizadores (GD's) em substituição dos verdadeiros e legítimos representantes das populações, das terras e das águas, alegando que exploravam a população por causa das ofertas que recebíamos, originou uma ira dos nossos antepassados que resultou na seca e na falta de peixe no mar".

Na óptica deste régulo, os chefes tradicionais tornavam válidos os cultos aos antepassados que, segundo Iraé B, Lundin, não são mais do que religião que explica questões existenciais, torna válido a ordem moral e social, imposta por forças contolativas da sociedade e reforça a habilidade humana de enfrentar a fragilidade da vida humana<sup>105</sup>.

Quanto a nós, este sentimento é resultado dos mecanismos impostos pelo colonialismo português que, manientando a população nas suas "tradições", impediu que houvesse um processo evolutivo e normal da cultura e tradição moçambicana. É possível que a FRELIMO se tivesse

---

103 MACHEL, 1979:8

104 Francisco Kassane Chibalo, Régulo da região de Fequete.

105 LUNDIN, 199...:38.

apercebido de que o desenvolvimento do país passava necessariamente do despertar da consciência patriótico do povo, mas como este estivesse "cego", a estratégia foi violentar (até aos extremos) as convicções das comunidades que, devido à sua "ignorância(?)" não perceberam o objectivo.

Esta nossa tese é testemunhado por dois dos nossos entrevistados que, demonstram claramente que não compreenderam a estratégia da FRELIMO ao afirmarem o seguintes:

"O facto de alguns indivíduos pretenderem fugir da sua realidade, i.e., às suas raízes africanas, por si só demonstra o quanto a ideologia incutida pela FRELIMO é contrária à manutenção das nossas práticas tradicionais"<sup>106</sup>.

"governo colonial não interferia directamente nas nossas práticas tradicionais, antes pelo contrário as promovia e respeitava; o governo da FRELIMO, pelo contrário não só não as aconselha como também criou condições para que elas fossem marginalizadas através através de uma propoganda contra a nossa cultura levada a cabo nas escolas e que levou ao desprezo das nossas raízes pelos nossos filhos"<sup>107</sup>.

Um outro aspecto referido e que quanto a nós demonstra esta insatisfação pela criação de novas estruturas para o controle da actividade de pesca, é a resistência por parte dos pescadores em pagar os impostos e outras contribuições exigidas por lei, aos funcionários da Administração Marítma, tudo isto por falta de confiança nos mesmos.

Esta desconfiança deve-se, quanto a nós, fundamentalmente pela não legitimação dos mesmos no meio social daquela comunidade. Muitas vezes, a legitimação dos representantes tradicionais dos pescadores, está inserida no discurso cosmológico da comunidade.

Há referências em como em 1991, quando foram mobilizados alguns pescadores com certo prestígio no seio do grupo dos pescadores para procederem à colecta de imposto anual de contribuição industrial, estes conseguiram mais de 7 milhões de mts que foram entregues à Administração

---

<sup>106</sup> Fazenda Manga, chefe tradicional da região dos Mangas, com cerca de 70 anos de idade.

<sup>107</sup> Abrahamo Marivate, pescador com cerca de 65 anos de idade.

local.

Contudo, por divergências entretanto surgidas depois, relacionadas com as gratificações, nunca mais foi possível conseguir essa colaboração, o que resultou de novo na resistência dos pescadores em pagarem as contribuições que tanta falta fazem ao Estado.

#### 5.7. A Estrutura social da comunidade de pescadores de Inhassoro

Radcliffe-Brown define a estrutura social como sendo "o arranjo persistente de pessoas em relações definidas ou controladas por instituições, i.e., normas ou padrões de comportamento socialmente estabelecidos"<sup>108</sup>.

Nesta base, iremos descrever a estrutura social e económica da região em análise neste estudo, com base nas relações sociais observadas, que foram iniciadas e continuam como respostas aos fenómenos sócio-culturais observados e acima descritos e pelas relações estabelecidas nas actividades económicas também já referidas.

De salientar que alguns antropólogos sociais debatem-se com a questão de explicar a continuidade e simultaneamente, a mudança social, pois na sua óptica, "se a continuidade se expressa na estrutura social, nos conjuntos de relações que contribuem para a firmeza da expectativa, ..., é preciso haver lugar para a variação e para a explicação da variação"<sup>109</sup>.

Segundo Iraé Lundin, a dinâmica de uma sociedade resulta do conflito de gerações que, utiliza o exemplo da roda que é a história que gira segundo preceitos aceites pela comunidade<sup>110</sup>.

A comunidade do Inhassoro incorpora na sua estrutura social,

---

108 KAPLAN & MANNERS, 1975:154.

109 KAPLAN & MANNERS, 1975:157.

110 Em conversa mantida no dia 28 de Setembro de 1991.

económica e política, diferentes categorias sociais, cada uma com a sua forma própria de interpretar a natureza, a sociedade e o mundo em que está inserida e que determina a forma de estar de cada uma delas na sua actividade económica e na comunidade. Naturalmente que este aspecto se reflecte no posicionamento político e social e nas oportunidades económicas dos indivíduos que a compõem.

Nesta perspectiva, apresentamos os cinco grupos ou categorias sociais da comunidade de pescadores de Inhassoro, ressaltando que a ordem da sua apresentação obedece à influência social que neste momento cada um deles exerce naquele meio social:

a) O grupo de indivíduos com uma determinada posição político-espiritual-tradicional, os Mangas ou Dzivanes, Chibalo, Vilanculos e outros que, possuem poderes espirituais sobre as suas zonas.

Estes indivíduos, preeminentes, segundo Copans, são os de cujos nomes servem para identificar os grupos de linhagens, e devido à sua qualidade de mais velho ou de anciãos e à sua capacidade mágico-religiosa, condicionam a conservação de um estado de saúde e de fecundidade e a manutenção da ordem<sup>111</sup>.

Facto curioso é que, apesar de estes indivíduos possuírem essa autoridade e serem em parte venerados pela sociedade inteira, com todas as vantagens sociais e políticas que isso arrasta consigo, as suas condições habitacionais, alimentares e financeiras são precárias em comparação com as das restantes categorias sociais da região.

Em geral não possuem nenhum tipo de empreendimento económico de vulto, com excepção da família Chibalo que possui uma loja, constituindo apenas um grupo social regulador da dinâmica social daquela sociedade. É um grupo não muito coeso, visto ser composto por famílias que "passam a vida" a reclamar a hegemonia ou direitos sobre as outras.

---

111 CL.COPANS, cit. 1971:107.

b) O grupo dos grandes proprietários, autóctones, de embarcações semi-industriais e artes mecânicas, de propriedades agrícolas, de redes comerciais e hoteleiras, etc., senhores de uma posição económica e social acima da média e, portanto, com maior contacto com o mundo exterior, não só em relação a Inhassoro, mas também ao país em si.

Este grupo, composto por agentes económicos privados, constitui a principal alternativa de emprego na região para a maioria da população necessitada. A maioria dos proprietários contactados defenderam que não são apologistas de integração de familiares seus nos respectivos empreendimentos, pois isso dificultará o processo de controle produtivo e de disciplina laboral.

Apesar do poder que eles detêm (que lhes "permite" dentre outras coisas, e a revelia dos restantes pescadores, determinar os meses de defeso, as distâncias e as artes de pesca interditas durante o mesmo) devido à sua condição económica, é de realçar que esse poder não se estende para a esfera política.

Socialmente, este grupo apresenta-se mais coeso, com um grande sentido de entre-ajuda que, em casos excepcionais se alarga para os menos favorecidos. Talvez devido ao seu poder económico-social e / ou pelos contactos com o mundo externo, este grupo apresenta-se um tanto ou quanto distanciado das manifestações tradicionais que constituem o dia a dia das restantes categorias sociais na comunidade de pescadores de Inhassoro.

c) O grupo dos chineses que num determinado momento histórico, principalmente entre as décadas 50 e 70, teve um grande peso na história desta sociedade de Inhassoro pela grande influência exercida na estrutura sócio-económica daquele distrito, particularmente no sector da pesca artesanal.

Diferentemente do anterior grupo social que, aparentemente não quer

saber nada da "tradição", estes "chineses", mesmo com o poderio económico que num dado momento possuíram, aparentemente não desprezaram os costumes locais, antes pelo contrário os aceitaram sem grandes problemas. Segundo afirmaram, nutrem grande respeito pelo culto no transcendental e crêem mesmo que esses cultos têm a sua cota parte no nível social que cada indivíduo atinge em vida.

Portanto, é um grupo social que se adaptou, mesmo que por estratégia, mais ao "modo de vida" de Inhassoro, do que propriamente um grupo que procurou aculturar os locais. Perante aquela comunidade, eles (os componentes deste grupo) estão legitimizados e para isso contribuíu imenso a sua estratégia de fazer casamentos com mulheres autóctones.

Segundo os dados adquiridos, aquando da sua chegada, eles constituíam um grupo economicamente forte, tendo investido em várias áreas sócio-económicas de Inhassoro e contribuído deste modo para o desenvolvimento desta região.

Foi a partir deste grupo social que se "fizeram" muitos empresários nacionais, pois o contacto com estes "chineses", permitiu-lhes ter uma visão diferente, para melhor, do mundo; em alguns casos, alguns autóctones que casaram com descendentes destes, atingiram níveis de vida bastante aceitáveis (hoje fazem parte do forte grupo económico de Inhassoro), pois muito apoio receberam dos seus sogros.

Actualmente, estão transmitindo as suas experiências acumulada ao longo dos anos e pelo mundo fora, às comunidades locais, principalmente na tecnologia de pesca e na carpintaria naval.

d) O grupo formado pelos proprietários artesanais, com maior incidência para os carpinteiros navais, tecedores de redes e pescadores artesanais que, aparentemente são os que mais se encontram amarrados às suas variáveis culturais (família, práticas mágicos-tradicionais e outras), e com maiores dificuldades financeiras.

Como consequência, possuem poucas oportunidades de crédito e outros aspectos inerentes às suas aspirações empresariais, fruto do seu "modus operandi" que, não está virado para a produção do mercado na verdadeira acepção do termo e pelo facto de serem um dos grupos sociais mais fechados dentro do seu "mundo tradicional".

As suas relações com os outros grupos sociais são, regra geral, estritamente profissionais (prestação de serviços e / ou alguns créditos concedidos pelos grandes proprietários), pois em termos de relações sociais ou convívios sociais pròpriamente ditos, há um grande distanciamento.

Apesar de reconhecer que ligações familiares em empreendimentos privados do género afectam negativamente o processo evolutivo da mesma e a manutenção de boas relações familiares dos seus proprietários, é a camada social que mais parentes apresenta nos seus grupos de trabalhadores. Este facto, segundo os dados obtidos, resulta também da tentativa de evitar **matsohos** por parte dos familiares.

e) A idade e o sexo determinam uma outra categoria social, a dos velhos, mulheres e crianças. Ela constitui uma componente fundamental na estrutura social do distrito em si, pelas suas características e funções dentro desta, pois engloba fundamentalmente mulheres, crianças e velhos, que têm dado o seu contributo para a determinação e evolução daquela sociedade.

Na verdade, este grupo contribui econòmicamente para o rendimento e sobrevivência familiar, através da comercialização nos mercados e "**dumba nengues**"<sup>112</sup> e / ou através da prática da agricultura e ajuda na actividade pesqueira.

Com base no que se pôde verificar, pode-se dizer que há um aparente distanciamento, positivo, entre o poder político formal, o poder

---

<sup>112</sup> Mercados informais que, devido à sua natureza, os respectivos vendedores são constantemente perseguidos pela polícia, daí o termo que, traduzido significa "confia nas pernas".



político informal e o económico; i.e., em Inhassoro não se nota uma tendência de interferência, por um determinado grupo social, em assuntos alheios aos interesses do grupo, entanto que tal.

O poder político formal na região em análise é exercido pelas estruturas políticas nomeadas pelo governo provincial, não com base em pressupostos económicos, mas sim na confiança política angariada ao longo dos anos no seio do Partido. Esta estrutura alarga-se para zonas consideradas de base, onde é representada na sua maioria por indivíduos com um certo "status" social reconhecido pela população.

#### 6. Limitação da informação

É preciso referir que a recolha da informação foi realizada num espaço de tempo relativamente curto (no total de 31 dias), insuficiente para o que seria ideal para este tipo de estudos, e não cobriu uma área mais vasta, em termos de entrevistas com pescadores simples.

Contudo, pensamos que esta lacuna terá sido, em parte, colmatada com as entrevistas com os representantes e ou descendentes dos Mangas que, são conhecedores de pormenores de práticas tradicionais ligadas à pesca de pequena escala naquela região do país.

À semelhança do estudo sócio-económico conduzido por Rui Falcão, infelizmente esta pesquisa também foi realizada no período de veda em Inhassoro, o que não permitiu observar "in loco" qualquer das cerimónias tradicionais referidas pelos pescadores como estando ligadas a esta actividade.

Houveram casos em que não conseguimos realizar entrevistas ou estas foram interrompidas pelos entrevistados porque os aspectos que estávamos a investigar, na óptica de alguns indivíduos "são e devem continuar a ser um segredo particular de cada um, visto que, se forem divulgados a estranhos, poderão ser aproveitados para outros fins e deixarão de

surtir o efeito desejado"<sup>113</sup>.

Pelo facto, devido a todo o rol de problemas acima referidos, de representatividade do grupo alvo entrevistado, do tempo de duração do estudo e da dificuldade de obter informações, bem como da não observação prática das cerimónias tradicionais acima descritas, aconselha-se uma leitura crítica e cuidada do presente documento, na esperança de que alguns aspectos venham a ser aprofundados e testados em devido momento.

## 7. Considerações finais

Durante a nossa pesquisa, ficou patente que na comunidade de pescadores de Inhassoro, existem determinados hábitos, costumes, mitos e crenças ligadas à pesca de pequena escala no geral, e particularmente à pesca artesanal.

Para nós, as culturas e as tradições, são submetidas a um processo evolutivo que, no caso de moçambique não se verificou porque os portugueses montaram um sistema tal que, manientou, alienou e conveceu as pessoas que só a práticas "tradicionais" resolveriam os seus problemas sócio-económicos.

É nesta sequência que, verificamos que as cerimónias mágico-religiosas e / ou outras manifestações consideradas tradicionais ligadas à actividade piscatória, fazem-se sentir, de facto, com maior incidência na comunidade de pescadores artesanais, onde se encontra a grande parte das pessoas que "beberam os conselhos dos portugueses".

No entanto, gostaríamos de reafirmar, antes de entrarmos nos nossos pontos de vista, que não é intenção deste documento fazer o juízo da validade científica dos rituais mágicos da comunidade em análise os

---

<sup>113</sup> Castigo Lauchand, empresário peixeiro de grande prestígio na região.

quais Junod chama de "axiomas de mentalidade primitiva"<sup>114</sup>, mas sim de apenas trazê-los à luz e mostrar qual a sua importância social no seio daquela comunidade de pescadores.

Se, de facto, as práticas mágico-religiosas não têm nenhum valor científico, não podemos deixar de concordar com Junod quando diz que, elas "têm um valor objectivo, na medida em que a sua realização dá, àquele que o realiza, maior confiança em si mesmo, produzindo assim maior auto-sugestão favorável ao êxito da operação"<sup>115</sup>.

No seio dos pescadores artesanais de Inhassoro, verifica-se este fenómeno, pois sentimos que a crença que eles têm nas forças mágico-religiosas fundamentam a sua luta pela sobrevivência nas condições difíceis em que trabalham.

Supomos que a falta de segurança sentida pelos respectivos proprietários, quanto a nós motivada sobretudo pelas condições oferecidas pelo próprio mar e aliada à falta de um equipamento adequado para a prática da actividade pesqueira nas suas embarcações, à baixa instrução, falta de informação e formação sobre a gerência de empreendimentos, bem como a forte influência das variáveis culturais (religião tradicional e família), esteja a tornar mais forte este sentimento da crença nas forças transcendentais.

As referidas práticas, permitem-nos pressupor igualmente o recurso à "tradição" (medicina tradicional, curandeirismo, feitiçaria, etc.) para a resolução de outros tipos de problemas que não foram investigados, como é o caso de doenças.

Hoje, os pescadores, acusam a política de marginalização dessas práticas, como tendo contribuído sobremaneira para criar descrenças entre alguns dos pescadores daquela comunidade, em relação às regras

---

114 JUNOD, 1946:349.

115 JUNOD, 1946:349.

tradicionais, o que na sua óptica tem afectado, na generalidade, toda a actividade pesqueira naquela região.

O abandono a que estão ou estiveram votados os hábitos tradicionais e que em parte suscitaram uma certa apatia, em termos da necessidade de incremento do esforço de pesca, segundo o ponto de vista do grupo alvo, piorou o nível de vida dos pescadores daquela comunidade e suas famílias, pois eles acreditam que sem a ajuda dos seus espíritos, dificilmente poderão mudar a sua condição, mesmo com uma injeção de novas tecnologias.

Por isso, e quanto a nós, aparentemente, quanto mais se fala de pesca artesanal, nota-se que, no distrito de Inhassoro, este conceito se associa ao desaparecimento do pescador artesanal puro. Este desaparecimento deve-se por um lado ao encarecimento do equipamento necessário para esta actividade, que deve ser cada vez mais sofisticado, por outro, o pescador artesanal em geral não sabe onde ir pedir crédito, comprar esse equipamento e muito menos percebe que o governo importa esse material e com uma moeda externa.

A diminuição do apoio ao pescador artesanal pelo Estado, com a privatização dos CP's, estará a "agilizar" este declínio dos pescadores mais vulneráveis de Inhassoro.

Um exemplo poderá ser dado em relação ao ponto acima colocado, concretamente à questão ligada ao crédito pesqueiro (que é o mesmo que é aplicado noutros ramos), fundamentalmente artesanal, onde o Estado continua optando por uma política de crédito que não é favorável para o seu desenvolvimento.

Ora, bem analisada a situação, esta estratégia constitui um erro tremendo, devido principalmente às diferenças das próprias actividades e das personalidades dos intervenientes, com destaque para o baixo nível de formação académica dos pescadores artesanais.

Por isso, os rituais descritos neste documento, conferem aos pescadores artesanais a segurança e a moral, que deveriam encontrar através da utilização de embarcação a motor e noutro tipo de equipamento adequado para esta actividade.

Esta nossa tese é secundada por Maurice Godelier, quando defende que "a crença na magia, muito longe de contradizer a crença na casualidade e no determinismo, é talvez a expressão de afirmação de um estrito determinismo. O homem pensa-se capaz de se inserir, pelas suas práticas mágicas, na cadeia das casualidades necessárias de ordem natural"<sup>116</sup>.

De facto, foi possível verificar a existência desta atitude do homem, referida por Godelier, em Inhassoro, pois a maioria dos pescadores artesanais daquela região, acredita, espontaneamente, que forças ocultas e invisíveis controlam a natureza e a sociedade de maneira análoga à do homem e, portanto, poderão resolver os problemas que enfrentam no seu dia a dia de trabalho.

A posição do Estado e suas instituições, não preocupado com o papel da cultura no desenvolvimento económico-social do país, resulta da falta de uma definição de política cultural clara e específica ao país, mesmo depois da realização da Iª Conferência Nacional da Cultura em Julho de 1993.

Esta passividade do governo em relação ao assunto é agravada pela falta de fundos suficientes (o país é extremamente dependente de doações externa), para o financiamento de estudos e levantamentos sistemáticos de dados sócio-antropológicos que, seriam aproveitados para fins de planificação com vista ao desenvolvimento sustentável da população.

É por isso que, o governo, muitas vezes se guia tanto pelos valores ideológicos acerca do que é melhor para as populações, como por uma

---

116 Cf. COPANS, et al. 1971:171.

abordagem estritamente económica sem olhar ao tipo ou nível dos beneficiários. Como consequência, o meio social, económico e cultural, é ignorado no desígnio e implementação dos programas. As comunidades, neste caso pescadoras, são vistas como meros grupos alvos, beneficiários ou recipientes dos programas e não são considerados os seus anseios e dificuldades.

O resultado lógico e sistemático destas iniciativas, é a má interpretação das intenções governamentais, que acreditamos serem das melhores, e na destruição e / ou fracasso dos mesmos e no conflito generalizado entre o Estado, neste caso através das suas instituições responsáveis, e as comunidades pescadoras.

Nesta sequência de análise, para evitar ou diminuir os níveis de conflitos já referidos, pensamos ser conveniente que o governo, ou suas instituições responsáveis, o IDPPE para o caso da pesca artesanal, comece a procurar "entender" melhor as diversidades culturais das comunidades pesqueiras, através de investigações antropológicas que lhes permita saber:

! Qual é o tipo de organização que existe nas distintas comunidades costeiras;

! Qual é o sistema de crédito "tradicional" conhecido e utilizado no seio das mesmas;

! Que sistema de valores emana dessas comunidades;

! Que tipo de papel é desempenhado por cada um dos indivíduos que compõem as distintas comunidades;

! Que tipo de iniciativas locais existem e quais as aspirações de cada comunidade;

Um exemplo da política a adoptar para o desenvolvimento das comunidades de pescadores, é a política linguística. Poder-se-á utilizar o Xitswa, para o caso de Inhassoro, como língua base para o decorrer de qualquer acção de desenvolvimento, i.e., no extensionismo, formação e trabalho com as comunidades pesqueiras.

Isto pressupõe uma intensificação dos esforços para a tradução sistemática de toda e qualquer informação escrita ou produzida nos possíveis projectos destinados aos beneficiários, em cooperação, naturalmente, com instituições capacitadas para tal, como o Arquivo do Património Cultural (ARPAC), através das suas delegações espalhadas pelo país e a UEM/NELIMO.

A SEP, como instituição do governo responsável pela pesca, deve adoptar nas suas estratégias, um dispositivo legal que consagre a obrigatoriedade de inclusão nos programas e projectos de desenvolvimento virados para as comunidades de pescadores, a componente cultural e a inclusão dos pescadores "visados" pelos programas, na concepção dos referidos projectos.

Pensamos que o verdadeiro desenvolvimento sustentável para as comunidades pescadoras artesanais, especificamente a de Inhassoro, não deverá assentar em empreendimentos impostos de fora do seu meio, mas sim que se afirmem de dentro para fora, e no qual estão activamente engajadas todas as forças vivas e energias daquela(s) comunidade(s)<sup>117</sup>.

Quanto a nós, esta estratégia evitará que os programas e projectos de desenvolvimento, que vierem a ser introduzidos naquela comunidade, não venham chocar com os seus valores sócio-culturais e as expectativas, "sob pena de provocarem desinteresse e alheamento destes em relação àqueles"<sup>118</sup>.

O governo, através da SEP, deve "lutar" por reforçar os seus orçamentos de funcionamento e investimento por forma a possibilitar a efectivação de levantamentos sistemáticos e estudos antropológicos (junto às comunidades de pescadores artesanais) que possam contribuir para o melhor entendimento das bases para a implantação dos diferentes

---

<sup>117</sup> Cf. MANHIÇA & SANTANA AFONSO, 1993:7.

<sup>118</sup> MANHIÇA & SANTANA AFONSO, 1993:2.

projectos naquela comunidade e não só.

Isto pressupõe, p.ex., que antes de se introduzir qualquer tipo de inovação tecnológica nas comunidades de pescadores artesanais, dever-se-ão realizar estudos sócio-antropológicos que permitam adoptar medidas que assegurem o não atrofiamento dos valores culturais, hábitos e costumes dessas comunidades.

Verificou-se também, durante este estudo, que há um conflito latente entre os pescadores artesanais e os semí-industriais, devido ao período adoptado para vigorar no sistema de co-gestão de recursos em Inhassoro. Pelo facto, pensamos que se deve fazer um estudo específico e profundo sobre o mesmo, de modo a avançar melhores propostas sobre o funcionamento do mesmo sem, entretanto, prejudicar nenhum dos lados.

Acreditamos que este seja o caminho ideal para que a camada de pescadores de pequena escala mais vulnerável, a dos pescadores artesanais, que possui iniciativas próprias, vontade de trabalhar, e de elevar o seu nível de vida, disponha de oportunidades, com base no que crê, para atingir o seu maior objectivo: o seu desenvolvimento sustentável.



XXXX

# ANEXOS

ANEXO 1

TABELA Nº 1 ENTREVISTADOS POR ZONA E CATEGORIA SOCIAL,

TABELA Nº 2 DISTRIBUIÇÃO POPULAÇÃO DE INHASSORO,

TABELA Nº 3 DISTRIBUIÇÃO DAS EMBARCAÇÕES EM INHASSORO

TABEL A Nº 4 NÚMERO DAS UNIDADES DE PESCA POR TIPO DE EMBARCAÇÃO

Tabela nº 1

Entrevistados por zona e categoria social

	Sede de Inhassoro	Região de Nhapele	Região de Cometela	Total de Pessoas entrevistadas
Chefes tradicionais das águas	2	3	3	8
Chefes tradicionais das terras do interior	2	1	1	4
Pescadores (+45 anos)	10	8	7	25
Pescadores (até 45 anos)	3	2	2	7
Médicos tradicionais	2	1	0	3

Nota: Referente ao Grupo alvo principal

Tabela nº 2

Distribuição da População de Inhassoro

Localidade	Nº de Habitantes
Sede de Inhassoro	27.500
Maimelane	24.000
Cometela	5.000
Nhapele	2.800
Posto Administ. de Bazaruto	2.900
Total	62.200

Fonte: Administração de Inhassoro, Agosto de 1994

Tabela nº 3

## Composição das embarcações em Inhassoro

ÁREAS	Canoas	Chatas	Lanchas	PSB <sup>119</sup>	Outros <sup>120</sup>	Total	%
Sede-Inha.	-	53	39	1	7	100	40
Nhamábwe	1	36	4	-	-	41	16
Ngovane	1	18	4	-	3	26	10
Nhangonzuene	-	14	5	-	-	19	8
Bazaruto	-	56	2	8	-	66	26
TOTAL	2	177	54	9	10	252	
%	1	70	21	4	4		

Fonte: Falcão, 1993:17 com base no Censo de pesca em Inhamabane, IDPPE, 1991.

Tabela nº 4

## Número de Unidades de Pesca por tipo de Embarcação

TIPO DE UND. PESCA	Arrasto de Praia	Rede de emalhar	linha de mão	Rede de tubarão	Gamboa	Arpão	Outros
Canoas	-	2	-	-	-	-	-
Chatas	124	9	32	2	5	1	4
Lanchas	11	5	35	-	-	-	3
PSB	-	-	2	-	7	-	-
Outras	1	1	6	-	-	2	-
TOTAL	136	17	75	2	12	3	7
%	54	7	29	1	5	1	3

Fonte: Falcão, 1993:18, com base no censo de pesca em Inhambane, IDPPE, 1991.

119 PSB: Pescador sem Barco.

120 Refere-se a embarcações construídas pela Navipesca, de fibra ou madeira e equipados de motores a bordo ou fora de bordo.

ANEXO 2.

BREVE INFORMAÇÃO SOBRE O SECTOR DA PESCA EM MOÇAMBIQUE

## Referências Bibliográficas

### Geral

- BALANDIER, G. (1987), *Antropologia Política*, Lisboa: Editora Presença, 1987.
- BARATA, O.S. (1990) (a), *Introdução Às Ciências Sociais*, Vol.I, Lisboa: Bertrand Editora, 1990.
- BARATA, O.S. (1990) (b), *Introdução Às Ciências Sociais*, Vol.II, Lisboa: Bertrand Editora, 1990.
- BEATTIE, J. (1992), *Other Cultures: Aims, Methods and Achievements in Social Anthropology*, London: EC4P 4EE, 1992.
- BERNARDI, B. (1974), *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*, Lisboa: Edições 70, 1974.
- BOAS, F., (1962), *Anthropology And Modern Life*, Now York: Dover Publications, Inc., 1962.
- CABRAL, A. (1925), *Raças, Usos e Costumes dos Indígenas de Moçambique*, Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1925.
- CABRAL, A. (1925), *Raças, Usos e Costumes dos Indígenas de Inhambane*, Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1925.
- CARDOSO, J. (1958), *Monografia etnográfica sobre os tswas*, in: *Separata do boletim nº 108*, Lourenço Marques: Sociedade de Estudos da Província de Moçambique, 1958.
- CASSIRER, E. (s/d), *Linguagem, Mito e Religião*, Porto: Edições RÉ S limitada, s/d.
- CHEATER, A. (1986), *Social Anthropology: an alternative introduction*, Harare: Mambo Press. 1986.
- CLIFFORD, G. (1989), *A Interpretação das Culturas*, Capítulo I, Editora Guanabara, 1989.
- COTA, G. (1944), *Mitologia e Direito dos indígenas de Moçambique*, in: *Estudos de etnologia*, Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1944.

- COPANS, J.; et. al., (1971), *Antropologia: Ciência das Sociedades Primitivas ?*, Lisboa: Edições 70, 1971.
- CRUZ, A. (1878), *Código dos milandos cafreais (distrito de Inhambane)*, in: *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, nº 3, 1878.
- DUARTE, R.T., (1989), *Os conceitos de "tribo", "tribalismo", "sociedade tradicional", e as realidades que com eles estão relacionadas*, Maputo:UEM, 1989.
- ELIADE, M.(1991), *Mito e Realidade*, S.Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1991.
- EVANS-PRITCHARD, E.E.(1970), "Antropologia Aplicada", In: *Antropologia Social*, Lisboa: Edições 70, 1972, 173-201p.
- FREEDMAN, M., (1977), *Antropologia Social e Cultural, Vol.I*, Amadora: Livraria Bertrand, 1977.
- FRELIMO (1977), *Relatório do CC da Frelimo ao IIIº congresso*, Maputo, 1977.
- GREEN, C.E., (1994), *Relatório narrativo do workshop de currandeiros tradicionais, Inhambane*, 1994.
- GEERTZ, C.,(1989), *A Interpretação das Culturas*, Editora Guanabara, 1989.
- GRILLO, R. & Rew, A.(1985), *Social Anthropology and Development Policy*, London and New York: Tavistock Publications, 1985.
- HEURLING, B. (1980), *Culture and Worling Life: Experiences from six European countries*, Upsala, 1980.
- JUNOD, H.A. (1944), *Usos e Costumes dos Bantu: A Vida Duma Tribo Sul-Africana, Tomo I*, Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1944.
- JUNOD, H.A. (1946), *Usos e Costumes dos Bantu: A Vida Duma Tribo Sul-Africana, Tomo II*, Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1946.
- KAPLAN, D. & Manners, R.A.(1981), *Teoria da Cultura*, Rio de Janeiro: Zahar Editors, 1981.
- KRIER, J.A.; Rio, E.Y. & Vailher, Ch.A., (s/d), *Os Homens e as Relações Humanas*, Lisboa: Editorial Presença.

- KERLINGER, F.N. (1979), Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: Um tratamento conceitual, São Paulo: EPU, 1979.
- LANHAM, L. (1955), A Study of Gitonga of Inhambane, Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1955.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1970), Mito e Realidade, Lisboa: Edições 70, 1970.
- LÉVI-STRAUSS, C.; et. al. (1970), Mito e Linguagem Social (Ensaio de Antropologia Estrutural), Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1982), Estruturas elementares de parentesco, Peripolos: Vozes, 1982.
- LOFORTE, A.M., (1989), A Persistência dos Valores "Tradicionais" nas Comunidades Urbanas e a Etnicidade, in: Trabalhos de Arqueologia e Antropologia, n. 6, Maputo: U.E.M. (D.A.A.)
- LUNDIN, I.B. (1983), Cultures As Process And Cultural Action: Prolegomena to an Anthropology of Education, Gothenburg: University of Gothenburg, 1983.
- LUNDIN, I.B. (1987), Aspectos Metodológicos Da Elaboração E Desenvolvimento Do Projecto "Migrantes E Sua Relação Com o Meio Ruaral", in: Trabalhos de Arqueologia e Antropologia, n. 4, Maputo: U.E.M./Departamento de Arqueologia e Antropologia, 1987.
- LUNDIN, I.B. (1989, "Algumas reflexões sobre o conceito de religião", in: Trabalhos de Arqueologia e Antropologia, n. 6, Maputo: U.E.M. / Departamento de Arqueologia e Antropologia, 1989.
- MACHEL, G. (1980), O Papel da Cultura: Para o desenvolvimento do homem e da sociedade, Maputo, 1980.
- MACHEL, S. (1975), "Fazer da escola uma base para o povo tomar o poder", in: A Nossa Luta, 2a edição, Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, 1975.
- MACHEL, S. (1979), "A cultura como questão central da revolução", in: Revista tempo, caderno especial, Maputo: Janeiro, 1979.



- MAIR, L. (1984), Anthropology And Development, London : Macmillan, 1984.
- MAIR, L. (1984), Introdução à Antropologia Social, Rio de Janeiro: Zahar editores, 1984.
- MALINOWSKI, B. (1961), Argonauts of the Western Pacific: An account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea, New York : E.P.Dutton, 1961.
- MALINOWSKI, B. (1975), Uma teoria Científica da Cultura, Rio de Janeiro: Edições zahar, 1975.
- MANHIÇA, J. & Santana Afonso, A.E. de (1993), "Cultura e Desenvolvimento", "paper" apresentado na CNC, Maputo, 1993.
- MATUSSE, R.; Tinga, F. & Kazembe, J. (1993), "Proposta de política cultural de Moçambique", paper apresentado na CNC, Maputo, 1993.
- MOORE, H. (1992), Feminism and Anthropology, Cambridge: Polity Press, 1992.
- NANDA, S. (1991), Cultural Anthropology, California: Wadsworth, 1991.
- NORBECK, E. (1963), African rituals of conflict, In: American Anthropologist, vol.65, n. 6, 1963, 1254 a 1279.
- POLANAH, L., (1987), O Nhamussoro: E as Outras Funções Mágico-Religiosas, Coimbra: Universidade De Coimbra, 1987.
- PRITCHARD, E. (1972), Antropologia Social, Lisboa: edições 70, 1972.
- RITA-FERREIRA, R. (1975), Os povos de Moçambique: Sua História e Cultura, Porto: Afrontamento, 1975.
- RODRIGUES, A.J. (1976), A Frente Cultural: Estudos para a Revolução Cultural em Portugal, Edições Afrontamento, 1976.
- RODRIGUES, A.J. (1976), A Frente Cultural: Manual Prático do Animador Cultural, Edições Afrontamento, 1976.

- ROESH, O. (1993), "Peasants, War and Tradicional in Central Mozambique", Peterborough: Departament of Anthropology, 1993.
- SAVRÁNSKI, I. (1986), A Cultura e as Suas Funções (originalidade e diversidade da cultura), Moscovo: Edições Progresso, 1986.
- TOSCANO, F. (1941), Os grandes chefes da África Austral e alguns usos e costumes dos indígenas do sul do save, in: Boletim da sociedade de estudos de Moçambique, nº 44, 1941.
- TUCKER, R. C. (1963), Karl Marx: Filosofia e Mito, Rio de Janeiro: Zahar Editôres, 1963.

### Específica

- ACHESSON, J.M. (s/d), Antropologia da Pesca, Orono: Universidade de Maine.
- CAIXEIRO, J.; MORAIS, R. (1975), As pescas em Moçambique, Lourenço Marques: Centro de Documentação e Informação do Banco de Moçambique, 1975.
- CORDELL, J. (1978), "Carrying Capacity Analysis of Fixed-Territorial Fishing", London: Stanford University, 1978.
- DONATO, J. (1991), A pesca na província de Nampula: a situação actual e recomendações para o seu desenvolvimento, Maputo: IDIL, 1991.
- DONATO, J. (1993), Relatório sectorial: A Pesca Artesanal Em Moçambique, Maputo: T&B Consult, 1993.
- \*FALCÃO, R. (1993), Socio-economic analysis of the small-scale fisheries of the região of Inhassoro: A case study, Hull: University of Hull, 1993.
- HERMELE, K. (1986), Notes on recent development in the Mozambique sector, Uppsala: University of Uppsala, 1986.
- IDPPE (1992), Recenseamento da Pesca Artesanal na Província de Inhambane, Maputo: IDPPE, 1992.

- IDPPE (1993), Sistemas de Crédito Para o Sector de Pesca de Pequena Escala, Maputo: Danida/IDPPE, 1993.
- IDPPE (1994), Guião Prático do Programa de Recenseamento da Pesca Artesanal, Maputo: IDPPE, 1994.
- JOHNSEN, J. (1990), Pesca Em Pequena Escala: Estudo Básico Sócio-Económico na província de Sofala, Maputo :Danida, 1990.
- JOHNSEN, J. (1990), Estudo Sócio - económico da pesca em pequena escala, zona de Quelimane, Maputo: Danida, 1990.
- KRANTZ, L.; Sorensen, N.K.; Olesen, J. & Kotalova (1989), The Fisheries in Mozambique: A Sector Study, Maputo, August 1989.
- MOREIRA, C.D. (1987), Populações marítimas em Portugal, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1987.
- RATO, J.M. (1961), O problema das pescas marítimas na província de Moçambique, 1982.
- S.E.P. (1977), Relatório de Balanço e Prestação de contas ao Comité Central do Partido Frelimo, 1982.
- S.E.P. (1990), Estudo do Sector da Pesca de Pequena Escala em Moçambique, Maputo: CEASM, 1990.
- S.E.P. (1994), Relatório diagnóstico para a elaboração do plano director, Maputo: SEP, 1994.
- IFAD, (1993), Nampula Artisanal Fisheries Project, vol.I, Maputo, 1994